

Departamento de Sociologia

O Projecto de Não-Maternidade por Opção: Percursos,
Circunstâncias e Estabilidade

Catarina Trindade Manteigas

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção de
Mestre em Sociologia

Orientadora:

Professora Doutora Vanessa Cunha, Investigador Auxiliar
Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Lisboa

Co-orientadora:

Professora Doutora Cristina Lobo, Professor Auxiliar
ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Outubro de 2011

Agradecimentos

A todas as entrevistadas que prontamente acederam a dar o seu contributo a este estudo, o meu mais sincero e profundo agradecimento. Só por elas e só com elas este trabalho faz sentido e sem elas simplesmente não teria sido possível.

À Prof. Karin Wall, que me ajudou a dar os primeiros passos nesta investigação, que fomentou o meu interesse pela temática das famílias e que ajudou a dar corpo científico às questões discutidas.

Um especial agradecimento à Prof. Cristina Lobo, pela ajuda e total disponibilidade demonstrada num momento em que muito precisei, para além da garra e entusiasmo que coloca em cada aula que dá que muito me inspiraram.

Por último e em especial à Prof. Vanessa Cunha, um forte agradecimento pela paciência, pela disponibilidade, pelo empenho. Não foram poucas as circunstâncias em que a sua enorme força foi um estímulo extra ao avanço deste trabalho. Não é fácil agradecer o seu envolvimento inextinguível do primeiro ao último dia deste longo caminho.

Resumo

Esta investigação pretende contribuir para o entendimento de uma realidade que parece estar em crescimento nas sociedades contemporâneas: as mulheres que não querem ter filhos. Por que é que não querem ter filhos? Como encaram a maternidade? Como lidam com este projecto numa sociedade onde o modelo de família assenta na conjugalidade e na parentalidade?

Os projectos de não-maternidade e a diversidade de razões e circunstâncias que determinam esta decisão constituem o objecto em análise. A partir de seis entrevistas semi-estruturadas a mulheres entre os 30 e os 40 anos - fase da vida em que a grande maioria das mulheres portuguesas já fez a transição para a maternidade, pelo que se espera que a decisão de não ter filhos já seja o resultado de uma reflexão amadurecida - e da análise de conteúdo destas narrativas, procura-se um conhecimento mais aprofundado das motivações que levam a esta opção, bem como dos contextos sociais e familiares onde se dá a construção deste projecto de vida.

Conclui-se que esta escolha pode ter lugar em percursos familiares, profissionais e conjugais distintos. Algumas entrevistadas consideram a opção irreversível, na medida em que desde cedo deram conta que não são dotadas *naturalmente* para a maternidade, enquanto outras apontam razões que materializam a concepção de que ter filhos implica reunir condições que elas não têm nem perspectivam ter: estabilidade emocional ou profissional, disponibilidade para abdicar de tempo pessoal; o companheiro certo. Trata-se de uma opção que se foi desenhando no tempo e com as circunstâncias.

Palavras-chave: mulheres; maternidade; não-maternidade por opção; percursos e circunstâncias; pesquisa qualitativa; narrativas

Abstract

This research intends to contribute to the knowledge of a reality that seems to be growing in modern societies: the women that do not want to have children. Why these women do not want to have children? How do they perceive motherhood? How do they scope with this project in a society where family models stand on conjugality and parenthood?

The childfree projects, as well as the reasons and circumstances that determine this decision constitute our analytical object. Based on semi-structured interviews to six women aged between 30 and 40 - stage of life in which the vast majority of Portuguese women already made the transition to motherhood, so it is expected that the childfree decision is the result of a matured reflection – and on the content analysis of these narratives, the aim it to accomplish a deeper understanding of the motivations behind this option, as well as the social and family contexts from which a childfree project can emerge.

We conclude that this choice can take place in different family, professional and conjugal trajectories. Some interviewees present their choice as irreversible, due to the fact that they always knew that they are not naturally gifted for motherhood, while others consider that that having children implies to gather conditions that they don't have or expect to have in the future: emotional and professional stability; availability to abdicate from personal time, the right partner. This is a choice that has been designed during time and according to circumstances.

Key-words: women; motherhood; childfree choice; life course and circumstances; qualitative research; narratives

Índice

Agradecimentos.....	ii
Resumo	iii
Abstract.....	iv
Índice	v
Índice de quadros	vi
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I – O PANORAMA DA FECUNDIDADE CONTEMPORÂNEA: MENOS/SEM FILHOS EM PORTUGAL E NA EUROPA.....	3
CAPÍTULO II – MULHERES, MUDANÇA SOCIAL E A NÃO-MATERNIDADE.....	5
Domínios de emancipação feminina	6
A não-maternidade por opção	7
CAPÍTULO III - OBJECTIVOS, MODELO DE ANÁLISE E QUESTÕES METODOLÓGICAS	9
Objectivos.....	9
Modelo de Análise	9
Questões metodológicas.....	10
CAPÍTULO IV - HISTÓRIAS DE MULHERES QUE NÃO QUEREM TER FILHOS: ANÁLISE DAS ENTREVISTAS.....	15
Sofia: “tem que vir de dentro”	15
Maria: “ainda não sou filha de pleno direito para poder ser mãe”	18
Teresa: “não tenho instinto maternal”	20
Joana: “criei os meus irmãos mais novos”	21
Marta: “não quero ter filhos porque não quero ter filhos”	23
Cristina: “se a minha vida desse assim uma volta de 180 graus...”	24
CONCLUSÃO.....	28
BIBLIOGRAFIA.....	32
ANEXOS.....	I
ANEXO A – GUIÃO DE ENTREVISTA.....	II
ANEXO B – Caracterização das entrevistadas e das famílias de origem	V
ANEXO C – Sinopses das entrevistas	VI

Índice de quadros

Quadro 3.1 - Dados das entrevistas.....	12
Quadro b.1 – Caracterização das entrevistadas e das famílias de origem.....	V
Quadro c.1 – Infância e Família de Origem.....	VI
Quadro c.2 – Percurso Escolar.....	VII
Quadro c.3 – Percurso Profissional e Projectos Actuais.....	VII
Quadro c.4 – Relacionamentos Amorosos: namoros, conjugalidades e a questão dos filhos.....	VIII
Quadro c.5 – Projecto de Não-Maternidade: origem e estabilidade da decisão.....	IX
Quadro c.6 – Projecto de Não-Maternidade: razões pessoais.....	IX
Quadro c.7 – Projecto de Não-Maternidade: razões das mulheres em geral	X
Quadro c.8 – Condições Gerais para uma Mulher Acolher a Maternidade.....	XI
Quadro c.9 – Decisão perante uma Gravidez Acidental	XI
Quadro c.10 – Projecto de não-maternidade e Família de Origem: comunicação, pressão e processo de aceitação.....	XII
Quadro c.11 – Projecto de não-maternidade e os “Outros”.....	XII
Quadro c.12 – Relação Pessoal com as Crianças: em geral e sobrinhos.....	XIII
Quadro c.13 – Prioridades Pessoais: ordenação de determinadas esferas da vida.....	XIV

INTRODUÇÃO

“Um filho não é um direito ou um dever, é uma possibilidade” (Maier, 2007)

Apesar das mudanças que têm ocorrido na sociedade portuguesa no sentido da diversificação da vida familiar, da informalização da conjugalidade, da crescente participação feminina na esfera pública e da maior simetria dos papéis de género – amplamente documentadas na literatura sociológica (Aboim, 2006, 2010; Almeida et al., 1998; Guerreiro et al., 2009; Lobo, 2009; Torres, 2001; Wall, 2005) - o facto é que ainda não é encarada com muita naturalidade a *possibilidade* de uma mulher decidir não ter filhos.

Pretende-se, assim, perceber quais as razões que levam as mulheres, que estão actualmente em idade reprodutiva, a optar por um projecto de vida que não inclui a maternidade. Igualmente pretende-se estudar como gerem essa decisão num contexto social onde a maternidade se encaixa no modelo de normalidade convencional e aceite por todos (Almeida, 2003; Cunha, 2007).

Este trabalho não tem a pretensão de ter por base ou de ser feito a partir de certezas, mas sim de dúvidas. Dúvidas que assaltam as mulheres que se decidem por um projecto diferente da maioria e que desafia as expectativas sociais. Assim sendo, pretende-se explorar também estas dúvidas, o mesmo é dizer, a consistência dos projectos de não-maternidade. Em suma, pretende-se perceber as circunstâncias que determinaram esta decisão num dado momento da vida, mas também aquelas que, na eventualidade de se realizarem, podem levar as mulheres a reequacionar essa mesma decisão.

Tratando-se de um fenómeno ainda com uma fraca expressão na sociedade portuguesa, são poucos e recentes os estudos centrados nesta temática (Barros, 2009; Cunha e Gauthier, 2011). Por esta razão, mas também pela reduzida dimensão da dissertação de mestrado, optámos por desenvolver um trabalho de natureza exploratória, que permitisse começar a levantar o véu desta realidade emergente. Para tal, procurámos reunir algumas narrativas a partir de entrevistas compreensivas, de modo a conhecer histórias de mulheres que optaram por não ter filhos, através da exploração de algumas dimensões que compõem a vida de cada uma delas, como a infância, o percurso afectivo ou os trajectos escolares e profissionais, mas também o modo como pensam a maternidade e a não-maternidade por opção. Com efeito, outros dados empíricos, como material estatístico, não permite dar a conhecer estes projectos do ponto de vista do actor e dos seus quadros de referência, pelo que só através deste conhecimento aprofundado dos contextos e dos motivos é que será possível compreender a fundo o tema da não-maternidade por opção.

Apresentando de forma breve esta dissertação, num primeiro momento faremos um enquadramento com vista a situar a questão da não-maternidade no contexto da baixa

fecundidade portuguesa. Abordaremos também uma perspectiva comparada com outros países da Europa. No capítulo seguinte passaremos do geral para o particular, com algumas considerações teóricas em torno da não-maternidade. Em seguida passamos às questões metodológicas, onde será possível conhecer o objecto de estudo, a forma como as entrevistadas foram recrutadas e as hipóteses avançadas. No capítulo seguinte damos voz às entrevistadas e às suas histórias através da análise de conteúdo. E, por fim, damos conta de algumas conclusões.

CAPÍTULO I – O PANORAMA DA FECUNDIDADE CONTEMPORÂNEA: MENOS/SEM FILHOS EM PORTUGAL E NA EUROPA

Ao longo das últimas décadas é possível conferir uma forte quebra da fecundidade portuguesa, ou seja, o número médio de filhos tem vindo a diminuir, à semelhança do que tem acontecido noutros países da Europa, principalmente do Sul, Central e de Leste. Portugal revelou, no entanto, uma das quebras mais acentuadas, passando de uma fecundidade elevada no contexto europeu em meados dos anos 60 do século XX, para uma das mais baixas da Europa dos 27 no final da primeira década do século XXI. De 1965 para 2009, o índice sintético de fecundidade¹ desceu de 3,1 para 1,3 (Cunha, 2010, 2011).

Esta tendência não pode ser explicada apenas pelo acesso crescente a uma contraceção dita feminina de elevada eficácia, na medida em que também reflecte um ideal de família mais contido centrado na “norma dos 2 filhos” (Almeida, 2004; Cunha, 2007) – aliás, um padrão europeu (Testa, 2007) –, o facto é que a massificação do uso deste tipo de contraceptivos permitiu tornar a reprodução uma escolha na vida dos indivíduos e dos casais.

Ter filhos ou não, decidir quantos ter, programar quando os ter, passa a ser possível e vai-se tornando uma possibilidade cada vez mais acessível, disponível a todos. Este novo cenário torna-se mais compatível com a realização de projectos individuais ou a dois, de alterações nas formas conjugais, de modelos de família diferentes. As uniões passam a ter pressupostos diferentes com bases tão sólidas como os casamentos, com a valorização da cumplicidade a dois. É aceite que muitas vezes os filhos, o projecto da parentalidade funciona como aglutinador do casal, conferindo-lhe um propósito que pode ter por vezes o condão de menorizar outros aspectos da vida em casal. Na ausência de filhos, uma maior pressão será exercida para uma saudável vivência da conjugalidade.

Mas se o cenário ideal mais comum continua a ser o dos dois filhos, a verdade é que na realidade a sociedade portuguesa tem registado o aumento das descendências de filho único, o que, segundo Cunha (2010), reflecte mais a descendência *possível* e não tanto a *ideal*. Contudo, temos que admitir que ter apenas um filho, assim como não ter filhos, pode também traduzir uma *escolha* (McAllister e Clarke, 1998; Carmichael e Whittaker, 2007) e nem sempre o resultado de *circunstâncias* que comprometem cenários de fecundidade mais ambiciosos.

Não ter filhos é uma realidade que tem tido pouca expressão na sociedade portuguesa, ao contrário do que acontece noutros países europeus, como a Alemanha ou a Itália, onde esta realidade tem vindo a crescer significativamente (Badinter, 2010; Frejka,

¹ Número médio de filhos por mulher em idade reprodutiva (15-49 anos) num dado ano.

2008). Com efeito, a proporção de mulheres que não teve pelo menos 1 filho no final da vida reprodutiva tem-se mantido baixa na sociedade portuguesa, variando entre 4% e 7% entre a geração de 1930 e 1960, e atingindo o valor mais elevado, 9%, na geração de 1950 (Cunha, 2010). Não obstante, à luz de resultados de uma investigação recente sobre as trajectórias reprodutivas de 3 gerações de homens e mulheres portugueses, os autores referem que a geração nascida na primeira metade dos anos 70 (principalmente os homens) está a protagonizar um adiamento da transição para a parentalidade que poderá ter como consequência o aumento deste fenómeno (Cunha e Gauthier, 2011).

Por conseguinte, e tendo a noção tratar-se de uma realidade minoritária na sociedade portuguesa, não deixa de ser relevante investigá-la, tanto mais por parecer uma realidade com tendência crescente, como já acontece noutros países.

CAPITULO II – MULHERES, MUDANÇA SOCIAL E A NÃO-MATERNIDADE

Ora, na primeira linha desta profunda mudança a nível dos comportamentos reprodutivos têm estado, então, as mulheres, pois foi a condição das mulheres na família e na sociedade que se transformaram de forma sem precedentes nas últimas décadas do século XX.

Família e mudança social

A instituição família e o modelo de casamento estão em constante evolução e têm sofrido ao longo da história diversas mudanças, adaptando-se às (mas também protagonizando) transformações sociais.

No casamento - união sexual entre duas pessoas reconhecida perante a lei, com direitos, deveres e obrigações (Giddens, 2001) –, o homem e a mulher tinham os seus papéis bem definidos, ou seja, aquilo que a sociedade esperava de cada um deles. As mulheres eram as âncoras da vida familiar e eram desde cedo educadas para serem esposas e mães. Tinham como papel social a responsabilidade da criação e educação dos filhos, a gestão dos afectos, ocuparem-se das tarefas domésticas e tinham no marido a substituição da figura do pai, perante o qual tinham deveres e a quem deviam obediência e respeito. Ao homem cabia o papel instrumental de sustento e protecção da família. Trabalhar para obter recursos para a família era a sua principal função (Parsons e Bales, 1955). Os filhos eram parte integrante do projecto familiar e a família só ficava efectivamente completa após o nascimento de um filho. Tradicionalmente, sobre eles recaía uma quota parte da responsabilidade produtiva, enquanto mão-de-obra familiar, mas nas últimas décadas esta função foi caindo em desuso, transformando o projecto familiar num projecto essencialmente educativo, com um forte investimento parental na formação escolar e na mobilidade social dos filhos (Cunha, 2007).

A instituição família enquanto sistema de normas, valores e regras sociais e enquanto agente primário de socialização mantém-se. No entanto, o modelo *parsoniano* de família conjugal – assente numa hierarquia entre géneros e entre gerações, em papéis definidos e no projecto educativo dos filhos – convive actualmente com uma pluralidade de formas de viver e conceber a vida familiar (Torres, 2001; Lobo, 2009; Wall, 2005): as famílias monoparentais resultantes de divórcio ou separação; as famílias recompostas fruto de segundas uniões com filhos do primeiro casamento; os casais intencionalmente sem filhos, a informalização da vida conjugal, com a recusa do casamento ou mesmo da partilha do mesmo tecto; e, mais recentemente em vários países, o casamentos entre pessoas do mesmo sexo. Estas são, assim, realidades familiares em crescimento na sociedade portuguesa, reconhecidas na lei e que revelam uma mudança nas mentalidades.

Esta pluralização dos modos de viver em família é atravessada, então, tanto pela valorização dos sentimentos, da cumplicidade e do companheirismo nas relações familiares (entre cônjuges, entre pais e filhos), como pelas tendências de individualização (Aboim, 2006; Wall, Aboim e Cunha, 2010). Por conseguinte, se bem que as mulheres continuem a ser uma âncora na vida familiar, passam a acumular esse protagonismo com desejos, objectivos e projectos mais individualizados de realização pessoal, que não passam exclusiva nem necessariamente pela esfera tradicional de construção da identidade feminina – a esfera privada – e sim, ou também, pela esfera pública.

Domínios de emancipação feminina

São múltiplos os factores que contribuíram para a *feminização* da esfera pública e a crescente simetria dos papéis de género. As duas grandes guerras do século XX levaram a uma diminuição drástica da mão-de-obra masculina envolvida directamente na mobilização para as guerras. Este facto implicou a necessidade de ocupar esses lugares deixados vagos pelos homens com mão-de-obra feminina, nomeadamente na indústria. No caso português, a guerra colonial e a forte emigração laboral masculina contribuíram, igualmente, para a entrada das mulheres no mercado de trabalho.

Para além da dimensão económica, as mulheres viram reconhecidos, e consagrados na Lei, uma série de direitos: o direito ao voto, que veio tornar homens e mulheres iguais nos direitos e nos deveres cívicos; a promoção da igualdade entre os cônjuges, que permitiu a emancipação da mulher em relação à tutela do marido; o planeamento familiar, direito consagrado na Constituição, que colocou ao alcance das mulheres um controlo sobre o seu corpo através do acesso a uma contraceção hormonal feminina; e a escolaridade universal e obrigatória, que foi um passo determinante para o fortalecimento do papel da mulher em sociedade. Todas estas conquistas abriram um horizonte de expectativas até então vedado às mulheres, dando-lhes oportunidade de decidir e controlar a sua própria vida, nomeadamente no que se refere à reprodução: planejar uma gravidez, evitá-la ou, mais recentemente, interrompê-la em liberdade passaram a ser exercícios de uma autonomia feminina conquistada. A escolarização feminina surge, inclusivamente, como um factor determinante no evitamento ou planeamento de uma gravidez, graças a sua forte vigilância contraceptiva (Cunha, 2007).

Do mesmo modo, a independência económica das mulheres face aos maridos, proporcionada pelos rendimentos do seu trabalho, veio possibilitar que estas pudessem ver no divórcio uma alternativa na busca da felicidade. Aliás, um direito que só foi consagrado após o 25 de Abril, e que veio provocar um forte abalo na ideia do casamento para a vida, independentemente da qualidade da relação. Se a Igreja ainda não reconhece a dissolução

civil do casamento, a verdade é que a aceitação social do divórcio é bastante generalizada (Wall, 2005).

. A diminuição do protagonismo da Igreja nos países ocidentais e o conseqüente afastamento dos seus valores, por um lado, e a emergência de novos valores sociais de individualismo e autonomia pessoal, por outro, ajudaram também às alterações dos modelos familiares e dos modos de estar de cada um no seu seio.

Em síntese, as mudanças que tiveram lugar a partir da segunda metade do século XX com os movimentos feministas, com a entrada das mulheres no mercado de trabalho, com o acesso à escolarização, com a procura de independência em relação aos homens, com a proliferação dos métodos contraceptivos de alta eficácia e, conseqüentemente, com a multiplicação de papéis e de oportunidades que se colocam às mulheres, vieram dar consistência a uma série de outros cenários e projectos de vida, que se colocam às mulheres em geral, e que não passam forçosamente por ter filhos. Assim, o seu percurso de vida deixa de ter uma etapa obrigatória, a maternidade, ganhando contornos mais imprevisíveis por um lado, e com menos limitações por outro.

A não-maternidade por opção

A opção da não-maternidade surge numa época em que os modelos familiares e o lugar da mulher na família e na sociedade revelam, como vimos acima, transformações profundas. No que toca à fecundidade, a diminuição do número de filhos por casal tem tido uma evolução bastante acentuada, o universo de famílias numerosas é cada vez menor, o número de casais com um único filho é cada vez maior e o adiamento da transição para a parentalidade é uma realidade crescente (Cunha e Gauthier, 2011). É a partir daqui que o cenário de não ter filhos aparece cada vez mais como uma possibilidade, não só enquanto consequência involuntária de problemas de fertilidade, resultantes inclusive do próprio adiamento da constituição da vida familiar, mas também enquanto projecto de vida (Barros, 2009).

Os filhos ou a maternidade configuram uma entre muitas possibilidades que surge ao longo do percurso da vida de uma mulher. Uma possibilidade, nem mais nem menos. É algo sobre o qual a maioria das mulheres considera que tem o direito de decidir. Uma possibilidade que, como nenhuma outra, define irreversivelmente um percurso de vida. Vindo conferir novos contornos à identidade feminina, surge como um direito e não como um defeito ou uma incapacidade.

No entanto, a decisão de não ter filhos continua a causar estranheza. Qualquer mulher que decida não ter filhos é confrontada com este facto pela sociedade em geral, amigos, família, colegas, vizinhos ou apenas conhecidos, que constituem um leque muito

vasto de onde podem partir pressões (Alves, 2008; Barros, 2009), já para não falar, da própria educação, valores ou mesmo crença religiosa. Tudo o que rodeia uma mulher lhe aponta um caminho *natural*: ser mãe.

Ora, são diversas as motivações que sustentam um projecto de não-maternidade e não necessariamente diferentes daquelas que sustentam a escolha de um filho único: a instabilidade financeira e profissional, a dificuldade a nível da conciliação família-trabalho, a falta de apoios públicos ou a instabilidade da relação conjugal, são factores com influência no momento de tomada destas decisões (Cunha e Gauthier, 2011). Se estas razões apontam para os constrangimentos que podem dificultar ou mesmo impedir a vinda de um filho, os autores também registaram outro tipo de atitudes – como considerar que os filhos podem perturbar a intimidade conjugal ou que ter filhos não é um objectivo de vida – que apontam, de facto, para uma certa *resistência em relação à parentalidade* (idem), Tal como nos estudos de McAllister e Clarke (1998) e de Carmichael e Whittaker (2007), aqui também se descortinam *escolhas e circunstâncias* no processo de decisão de não ter filhos. Por outro lado, Badinter (2010) refere que a *ideologia da maternidade intensiva*, ou seja, a sobrevalorização dos cuidados às crianças e das competências que as mães devem *naturalmente* deter, torna o desafio da maternidade demasiado difícil para algumas mulheres, que sentem que não têm meios para corresponder.

Ora, se a limitação do número de filhos é mais frequente entre mulheres que estão integradas no mercado de trabalho, mas que têm um nível de escolaridade médio e não superior (Cunha, 2007, 2010) - isto porque têm profissões menos qualificadas, mais constrangimentos financeiros, mais incertezas em relação ao futuro e quotidianos mais desgastantes e absorventes, com maior dificuldade a nível da conciliação -, as que se decidem por um projecto de vida sem filhos são, de facto, as mulheres mais escolarizadas e qualificadas, à semelhança do que acontece um pouco por toda a Europa (González.e Jurado-Guerrero, 2006).

CAPÍTULO III - OBJECTIVOS, MODELO DE ANÁLISE E QUESTÕES METODOLÓGICAS

Objectivos

Este estudo tem como objectivos conhecer as motivações e as circunstâncias que levam actualmente as mulheres a decidir não ter filhos, bem como os percursos que fazem até chegar ao projecto de não-maternidade, enquadrando uns e outros nos seus contextos de vida: a situação face à conjugalidade e o tipo de relação conjugal em causa; o percurso escolar e profissional e a situação profissional presente; a relação com a família de origem e a experiência da infância; e a interacção com os outros em geral e a família em particular em torno da sua opção de não-maternidade. Mais do que conhecer as práticas, pretende-se, assim, conhecer os sentidos que estas mulheres atribuem aos seus projectos de vida.

Modelo de Análise

Dar conta deste objectivo passou, antes de mais, por definir o conceito chave de *projecto de não-maternidade*, aliás, de uma forma muito próxima à proposta por Barros (2009), ou seja, um objectivo de vida que traduz uma escolha, uma opção reflectida e não uma resignação perante uma dificuldade/incapacidade biológica para ter filhos. Este conceito encerra, em termos analíticos, três dimensões centrais: uma temporal, que dá conta do percurso que conduz a esta decisão; uma motivacional, ligada às suas razões mais iminentes ou circunstanciais; e uma de estabilidade da decisão, que se prende à eventual abertura para aceitar a maternidade, mediante a observância de determinadas condições.

Tratando-se de um pequeno trabalho de investigação realizado no âmbito de uma dissertação de mestrado, por um lado, e tendo como propósito desvendar os sentidos dos projectos de não-maternidade por parte daquelas que os protagonizam, por outro, considerámos apropriado enveredar por uma análise qualitativa exploratória baseada em entrevistas semi-estruturadas e na análise de conteúdo das narrativas assim produzidas.

Em relação às hipóteses, apesar de não haver consenso no que toca à pertinência da sua definição apriorística em pesquisas baseadas em análise compreensiva (Guerra, 2006), a verdade é que os contributos teóricos que reunimos permitiram avançar algumas:

- 1) Alguns estudos têm estabelecido uma relação directa entre a carreira profissional das mulheres e o decréscimo de nascimentos. A teoria da escolha racional é muitas vezes uma das teses defendida, ou seja, no balanço dos custos–benefícios em torno

de decisões reprodutivas, o peso dos custos de ter filhos para o investimento profissional pode levar à rejeição um projecto de maternidade (Heaton, *et al.*, 1999,, González e Jurado-Guerrero, 2006). Assim, a avaliação dos custos da maternidade nos projectos profissionais podem ser uma razão para optar pela não-maternidade.

- 2) Ainda relacionado com a vida profissional, importa perceber se os problemas de conciliação ligados à dificuldade que algumas mulheres sentem para articular trabalho, maternidade e organização doméstica – na medida em que, apesar das mudanças, esta é uma esfera da vida dos casais onde a desigualdade de género continua a persistir (Aboim, 2010; Torres, 2001; Wall, 2005) – pode ser a causa de um projecto de vida sem filhos.
- 3) O adiamento da maternidade até todas as condições necessárias estarem reunidas para a vinda de um filho, de modo a corresponder ao padrão de exigências sociais que a parentalidade hoje implica (Badinter, 2010), configura-se como um dos cenários possíveis para a diminuição do número de filhos. Poderá esta busca sem fim à vista servir como uma capa para mascarar uma opção pela não-maternidade? Por outro lado, as exigências ligadas ao exercício da parentalidade reflectem-se nas competências que os pais – mas principalmente as mães – têm que ter para o assegurar, pelo que a insegurança de algumas mulheres face à sua competência maternal pode constituir um forte obstáculo (Badinter, 2010).
- 4) Por fim, continuando a ser a estabilidade conjugal o contexto ideal para ter filhos, as conjugalidades menos estáveis e duradouras podem levar a um menor investimento na parentalidade.

Questões metodológicas

Este trabalho passou por diversas etapas, começando pela aproximação ao nosso objecto a partir de leituras mais genéricas e mais específicas em torno da temática da não-maternidade, bem como da temática das novas famílias e das questões de género. Em simultâneo foi realizado algum trabalho exploratório de pesquisa dos temas e do tom em debate na blogosfera em torno da questão em análise.

Tendo em vista a realização do trabalho de campo, que consistiu na realização de 6 entrevistas semi-estruturadas², procedemos ao recrutamento das entrevistadas de três formas: por um lado foram escolhidas através do conhecimento académico ou pessoal prévio de duas das mulheres que tinham feito esta opção. Outra das mulheres foi conhecimento indicado por uma das primeiras entrevistadas e, por último, três através de

² Ver guião no Anexo A.

um grupo criado no Facebook, onde pessoas desconhecidas partilharam as suas experiências e onde se manifestaram felizes por conhecer outras pessoas que, senão partilhavam da sua posição, pelo menos aceitavam que pudessem existir outras mulheres com uma forma de pensar diferente. O grupo não foi criado exclusivamente para as mulheres que não querem ter filhos. É um grupo aberto a todos, que inclui pessoas de ambos os sexos. Neste espaço de discussão, opiniões diferentes deram lugar ao confronto de argumentos entre mulheres que adoram ou desejam ser mães e aquelas que tem um projecto de vida diferente. Foi possível dar conta do sentimento de incompreensão comum a estas mulheres, fruto de comentários ou expressões de desagrado proferidas por outras pessoas. A esta sensação soma-se a de que estavam sós, porque não conheciam ninguém ou conheciam muito poucas pessoas que tivessem feito uma opção semelhante à sua. Embora sem valor científico, este grupo foi um óptimo tubo de ensaio e bom ponto de partida para os passos seguintes.

Foi, portanto, através deste grupo que algumas mulheres tomaram conhecimento desta investigação e, por se encaixarem nos critérios da amostra, se voluntariaram para dar o seu contributo. Foram talvez mais de 10 voluntárias, que por eliminação e dimensão do estudo, não puderam participar. Encontrámos mulheres de todas as idades, de todas as partes do país e fora dele, e a viver em diferentes cenários de conjugalidade. Mas nem todas as voluntárias puderam ser escolhidas para as entrevistas por não se encontrarem na faixa etária pretendida ou não viverem em zonas geográficas mais acessíveis a uma investigação limitada como esta.

Não devemos esquecer que existe também a não-maternidade involuntária devido a infertilidade, seja ela precoce, seja ela adquirida mais tarde, em consequência de sucessivos adiamentos até ao ponto em que se tornou tarde de mais. Contudo este não é o alvo desta investigação, pelo que escolhemos uma faixa etária que desse alguma garantia que a hipótese de ter filhos ainda fizesse parte do horizonte de possibilidades das entrevistadas. Deste modo, os critérios de selecção das entrevistadas foram, então, os seguintes:

1. Assumirem a sua opção de não-maternidade.
2. Terem entre 30 e 40 anos, para já terem uma ideia amadurecida em relação ao seu projecto.
3. Não terem problemas de fertilidade diagnosticados, para os projectos não serem a consequência dessa situação.
4. Residirem na cidade de Lisboa, de forma a facilitar a realização da entrevista.
5. Aceitarem conceder uma entrevista sob a condição de salvaguarda do seu anonimato.

Na qualidade de abordagem exploratória, não houve uma preocupação em observar os *princípios da diversidade e da saturação*, isto é, garantir a heterogeneidade das características das entrevistadas e saturar a amostra (Guerra, 2006: 39 e seguintes). Com efeito, as entrevistas tiveram lugar no cenário geográfico circunscrito à cidade de Lisboa, com mulheres todas elas profissionais, com frequência universitária e sem serem casadas. Esta é, na verdade, a característica da amostra mais contrastante por relação ao estudo de Barros (2009). A maior diversidade interna reside, precisamente, nas diferentes situações face à conjugalidade: sozinhas, em relações de namoro ou em conjugalidades mais estáveis mas sem estarem formalizadas pelo casamento³.

Como se pode ver pelo quadro abaixo, as entrevistas foram realizadas entre Abril e Agosto de 2011, em locais escolhidos pelas entrevistadas e tiveram uma duração entre 15 e 40 minutos.

Quadro 3.1 - Dados das entrevistas

Entrevista Nº	Nome fictício	Data	Duração (min.)	Local da Entrevista
E1	Sofia	11-04-2011	40	Casa
E2	Maria	02-06-2011	30	Trabalho
E3	Teresa	02-06-2011	15	Trabalho
E4	Joana	03-06-2011	25	Café
E5	Marta	04-07-2011	30	Faculdade
E6	Cristina	10-08-2011	15	Café

O guião contemplou vários temas, desde a Infância e a Escola, o Percurso Profissional, o Contexto Conjugal ou o Contexto de Opção⁴. Cada tema foi iniciado com uma frase de estímulo ao desenvolvimento da narrativa, embora também contemplasse algumas questões orientadoras da entrevista. No final foi colocada uma pergunta fechada que visou perceber a ordem de importância de determinadas esferas da vida.

A análise de conteúdo das entrevistas organizou-se em duas etapas: uma primeira em que se procurou identificar os temas centrais, trabalho esse que resultou em sinopses temáticas, nas quais se ouvem todas as “vozes”⁵; e uma segunda etapa – que se apresenta em seguida -, onde cada entrevista constitui um *corpus* analítico, um estudo de caso, procurando dar a conhecer o modo como aqueles temas se organizam entre si em cada história, num reconhecimento da importância do discurso dos sujeitos, da narrativa, para dar conta da realidade social e dos significados a ela associados.

³ Ver a caracterização das entrevistas no Anexo B.

⁴ Ver guião no Anexo A.

⁵ Ver Anexo C.

CAPÍTULO IV - HISTÓRIAS DE MULHERES QUE NÃO QUEREM TER FILHOS: ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Sofia: “tem que vir de dentro”

Sofia, 31 anos, é a mais nova de três irmãos. Vive com os pais em Lisboa, na mesma casa onde nasceu e onde teve, afirma, uma infância muito feliz. Gostaria de ter sido cabeleireira. Aos 18 anos começou a trabalhar enquanto ajudante de cabeleireiro e chegou a tirar o curso, mas restrições médicas impediram-na de exercer: as tintas e os químicos tornaram impossível fazer em permanência o que gostava. Teve outros empregos durante a juventude, em lojas, numa revista e em *call-centers*. Licenciou-se em Ciências da Comunicação e trabalha, há oito anos, numa empresa gestora de seguros de saúde. Não tem o emprego dos seus sonhos, apesar de ser dedicada. Na verdade, sente-se acomodada, mas o facto de estar efectiva e de se tratar de uma empresa com alguma dimensão dá-lhe segurança, pelo que não se vê a arriscar uma mudança num futuro próximo.

Nunca viveu em conjugalidade e não está em nenhum relacionamento neste momento. Não se trata de uma questão de preconceito em relação ao casamento, apenas ainda não encontrou a pessoa certa. Destaca dois relacionamentos mais sérios, um no início da faculdade e outro posterior, mas em nenhum dos casos se falou na hipótese de ter filhos. Até porque “tanto um como o outro foram pessoas que também nunca mostraram muito interesse para isso”.

Afirma, sem reticências, que nunca sentiu “necessidade” nem vontade de ser mãe: “Desde que me lembro. Nunca tive... ou nunca senti... o que muitas pessoas chamam relógio biológico, instinto maternal (...). Não, em tempo algum. Nem aos 15, nem aos 20, nem aos 25”. E não lhe parece provável que venha a mudar de ideias, nem mesmo na eventualidade de uma gravidez acidental. Perante este cenário, afirma que preferia dar o bebé para adopção do que abortar: “acho que conseguia suportar melhor a ideia de não ter morto um bebé, um feto, no início ainda é feto... Gerei... dei-lhe as melhores condições possíveis durante a gravidez... de alimentação, de cuidados médicos, tudo... e de seguida ser adoptado por alguém que realmente quer ter filhos...”.

Como justifica, não é que tenha alguma coisa contra crianças, pelo contrário. Tem dois sobrinhos, um rapaz de quinze anos e uma menina de seis, de quem é madrinha plena das suas obrigações, e com quem mantém uma relação muito próxima. Mas, confessa,

embora a sua relação com as crianças em geral seja boa, acha que elas sentem que lhe falta “aquele instinto”.

Por outro lado, um filho obrigaria a abdicar de demasiadas coisas na vida, pois, na sua perspectiva “a partir do momento em que temos um filho, temos que nos dedicar a 100%”. E é aqui que reside, justamente, a questão-chave do seu projecto de não-maternidade: para Sofia, a parentalidade implica um grau elevado de dedicação e de abdicção pessoal. Para ilustrar esta convicção, aponta uma série de maus exemplos de parentalidade que vai testemunhando à sua volta: “ [os pais] não querem abdicar nada da vida deles. Continuavam a fazer... o viajar... o ir sair à noite... o jantar fora... o ir ao cinema (...). Então vão com os putos para todo o lado (...). Eu acho isso horrível, também. Porque as pessoas, quando têm um filho, sabem que têm que viver para ele”. A sua opção consubstancia, assim, a resolução do conflito entre o direito a não abdicar do bem-estar individual e o direito da criança a receber uma dedicação intensiva por parte dos pais. E remata: “Eu prefiro não os ter, fazer a minha vida em plena liberdade, com os meus horários, como eu quero, quando eu quero, sem ter qualquer dependência de crianças. A minha razão de não ter filhos vai um pouco por aí”.

Reconhece que sua opção não atrai as pessoas, pelo que não é uma assunto que aborde por iniciativa sua, mas do qual também não foge se vier a propósito. Sofia encara a sua opção com naturalidade embora reconheça que já a tenha prejudicado com conhecimentos travados recentemente com o sexo oposto. Como diz, a sua posição face à maternidade “assusta” as pessoas. Destaca a estabilidade numa relação e a divisão conjugal de tarefas como os factores mais relevantes para que uma mulher, em geral, decida ter um filho. Mas o factor mais decisivo é, afinal, algo mais intrínseco: “Eu acho que isso tem que vir de dentro. Tem que ser uma coisa que tu sintas. Há muitos factores que têm a ver, mas se tu não quiseses ser mãe... Acho que é aquela coisa, tu olhas para uma criança e ‘eh, pá, eu quero um!’. Parece um objecto, mas é verdade. Não deixa de ser isso. Muita gente diz que o relógio biológico desperta assim”.

Desta forma se percebe que Sofia apenas equacione uma eventual mudança de ideias em circunstâncias muito especiais: numa relação afectiva e financeiramente estável, na qual o companheiro manifestasse um desejo muito forte de ser pai. Mas, como explica, não se trata de “satisfazer o outro lado”, como poderíamos pensar, e sim de o *despertar* de um desejo: “que o facto de essa pessoa querer tanto um filho e o amor que eu teria por ela e ele por mim, fizesse com que me nascesse esse instinto maternal. É a única hipótese que eu vejo. Muito difícil... Mas é a única hipótese que eu vejo de eventualmente numa relação eu ter um filho”.

Naturalmente o facto de viver ainda com os pais faz com que aquilo que dê mais valor seja a família, mas os amigos aparecem em segundo lugar na sua lista de prioridades. Os afectos, e não o trabalho ou os lazeres, estão, assim, no centro da sua vida.

Maria: “ainda não sou filha de pleno direito para poder ser mãe”

Maria, 32 anos, revela que a sua infância foi bastante triste. Filha única de um casamento mal sucedido - os pais estão separados desde que se lembra - o principal desejo de Maria era ter um irmão. Esse desejo foi manifestado inúmeras vezes junto da mãe porque, diz, sentia-se sozinha. E acabou por se concretizar na sua adolescência, pois teve uma irmã fruto de um terceiro casamento do pai, embora não tenha tido oportunidade de construir com ela uma verdadeira relação de irmã. Em contrapartida, do segundo casamento do pai ficou a lembrança do “ótimo ambiente” vivido na casa da madrasta e da relação que construiu com a filha desta. Teve na avó materna o apoio quotidiano e na tia o colo que a sua mãe teve dificuldade em dar-lhe: “Em termos emocionais, lembro-me que para quem eu corria era para a minha tia, irmã da minha mãe”.

A infância pouco feliz e o facto de ter começado a trabalhar cedo, aos 14 anos, não impediu que fosse sempre “a melhor aluna”. Com efeito, Maria trabalhou sempre nos tempos livres e nas férias. As suas experiências passaram por trabalhos em lojas, como promotora em eventos e mais tarde na organização dos mesmos. Ainda a trabalhar licenciou-se em Psicologia, por obrigação e pressão da família, e só mais tarde pôde tirar o curso que sempre desejou, joalheria. Em Janeiro passado abriu, finalmente, a sua oficina de joalheria e hoje em dia sente-se realizada profissionalmente, embora reconheça a ausência de estabilidade. Ainda precisa de alguma ajuda financeira da mãe para se manter, pelo que o seu desejo é conquistar a sua independência económica através deste projecto profissional. Como explica: “O meu objectivo era que o negócio continuasse a crescer e a desenvolver-se como tem vindo a acontecer desde há 5 meses para cá, até um ponto em que eu não precise da ajuda de mais ninguém”.

O projecto de vida de não-maternidade tomou corpo quando Maria começou a sentir a pressão para assumir novos papéis sociais, como casar e ter filhos, que identifica com a passagem para a vida adulta. Assumiu-se, portanto, enquanto contestação à normatividade socialmente esperada, se não mesmo resistência a ver-se enquanto adulta, na medida em que sente que deixou a “adolescência” ainda há pouco tempo. Como explica, “numa altura, nós não temos idade para nada: ‘Ah, não tens idade para ter filhos, não tens idade para casar, não tens idade para...’ Depois, eu não percebo quando foi a idade certa para estas coisas todas, porque (...), de repente, fui do ‘Não tens idade para nada’ para o ‘Então, andas a perder tempo? Já estás atrasada!’. E acho que só a partir do momento em que começaram a agir comigo como se eu [es]tivesse atrasada para alguma coisa, é que senti necessidade de dizer ‘Eu não tenho porque não quero’”. Confessa mesmo que se nunca a tivessem confrontado, talvez nunca tivesse assumido esta posição desafiadora.

Mais à frente, reflectindo sobre as razões que levam as mulheres a não quererem ter filhos, Maria reforça a sua convicção de que, hoje em dia, o prolongamento da adolescência e da juventude - marcado pela dependência económica, mas também afectiva - leva ao adiamento da vida adulta, nomeadamente da transição para a parentalidade: “é o estarmos a atrasar e a biologia não estar a acompanhar isso. Acho que se pudéssemos ter filhos (...) aos 40 e tal, acho que mais de nós iriam ter”. Regressando ao seu caso pessoal, e apesar de trabalhar há já bastantes anos, Maria considera que só agora começou verdadeiramente a sua vida profissional - aos 31 anos - e que precisa de tempo para a consolidar. Por conseguinte, se engravidasse agora a vida profissional dela “acabava”. Como trabalha por conta própria teria de fechar a oficina e isso implicaria provavelmente o fim da sua recente carreira: “se tiver um filho nas condições em que estou agora... a minha vida acabou (...), perco o meu negócio, porque não tenho dinheiro para o manter. E se perder o meu negócio perco a minha casa... e portanto não é sequer uma opção”.

Mas para lá das dificuldades de conciliação que essa situação acarretaria, Maria confessa que há outras razões ligadas ao facto de ainda não ter conquistado a sua autonomia, não só financeira como também emocional: “Eu preciso da ajuda [financeira] da minha mãe. Como é que eu ainda vou pôr outra pessoa às costas da minha mãe? Mas, na realidade, em termos internos a coisa é muito mais complicada do que isso (...). Acho que ainda não sou filha de pleno direito para poder ser mãe. Ainda não sei bem o que é que é ser filha... para poder ser mãe”.

Maria teve vários relacionamentos afectivos e actualmente vive com um companheiro em Lisboa, não muito longe do sítio onde cresceu. Nesta relação, o cenário de não-parentalidade não é ainda um compromisso fechado, se bem que seja percebido por ambos como o mais provável: “Ele diz que se não tiver, vive bem com isso... Ele é muito parecido comigo. Não há um ponto assente, não é uma coisa tipo ‘Não vou ter!’ (...). É um ‘hoje não vou ter, amanhã provavelmente também não’”. Em contrapartida, noutros relacionamentos a questão colocou-se de outra forma. Chegou a ter um namorado mais velho, “que tinha imenso dinheiro e que tinha imensa vontade de ter filhos e eu estava profundamente apaixonada (...). Nessa altura achei que sim. Podia ter um, dois, três, quatro”. Viveu com outra pessoa antes do companheiro actual, relação na qual “ponderava ter filhos e ele também”. Mas quando a relação começou a tomar contornos mais sérios, nomeadamente quando ele equacionou o casamento, Maria pensou que ainda não era o momento certo nem a pessoa certa, que era “melhor esperar por um príncipe mais encantado ainda”. Hoje acha que talvez aquilo que a fez fugir dos relacionamentos em que se colocava a hipótese de constituir uma família, não foram afinal as pessoas em questão, mas sim por si que realmente não se sente preparada para ser mãe, contudo a relação conjugal não deixa de ser aquilo a que dá mais importância imediatamente antes da família. Em relação à sua

opção, não se sente discriminada mas antes apoiada. Por um lado, porque o seu companheiro partilha a sua forma de estar; por outro, porque os seus pais compreendem que a conjuntura actual não é propícia para ter filhos; e, por fim, porque vive rodeada de pessoas que fizeram uma opção semelhante, entre amigas, colegas e mesmo familiares.

Teresa: “não tenho instinto maternal”

Teresa, 37 anos, é natural de Oeiras e considera que teve uma infância normal. Da sua vida familiar há a destacar o afastamento em relação à família da única irmã, mais velha dois anos, com quem actualmente não tem muito contacto. Consequentemente, Teresa tem um sobrinho que mal conhece. Sempre boa aluna, licenciou-se em Arquitectura e exerceu essa actividade durante 10 anos. Despediu-se por já estar cansada “daquela vida de stress” e para se dedicar em exclusivo à cerâmica, interesse que já tinha mesmo antes de ir para a faculdade. Aliás, os seus primeiros trabalhos para “ganhar uns dinheiros para as férias”, foram a fazer artesanato. Acabou por tirar um curso e hoje tem a sua loja e oficina. O que faz neste espaço aberto há uma semana não consegue apelidar de trabalho, pelo imenso prazer que tem em fazer o que faz.

Conhece poucas pessoas que não querem ter filhos como ela e afirma com toda a segurança, foi sempre essa a sua opção de vida e nunca teve dúvidas a esse respeito. E justifica: “Não tenho instinto maternal (...). Não tendo instinto maternal, acho que não tenho capacidade para ser mãe”. Ora, esta ideia de que há um apelo natural que empurra as mulheres para a maternidade leva a que a ausência do mesmo justifique, também naturalmente, a recusa da maternidade. Como Teresa diz, não constitui sequer uma decisão: “Quando se quer ter filhos é que se pensa mais nisso, é que se tem que tomar uma decisão. Não quero, portanto... não é uma decisão, mas é assim uma escolha, é natural”. A família já se habitou à ideia e em relação às outras pessoas nem sequer se dá ao trabalho de as convencer. Teresa até gosta de crianças e dá-se bem com as que conhece, mas falta-lhe o tal “jeito”, sobretudo com as mais pequenas: “se já souberem falar e isso...”

Actualmente vive sozinha em Lisboa e nunca viveu em conjugalidade, mas ao longo dos anos teve alguns relacionamentos amorosos. O último terminou em 2008 e durou 4 anos. Em nenhum deles o seu projecto de não-maternidade foi determinante para o fim dessas relações, até porque os namorados estavam em concordância com a posição de Teresa: “Felizmente tenho-me dado sempre com pessoas que também não querem ser pais, tem calhado”. E não se vê a reconsiderar a sua posição face à maternidade, mesmo que venha a estar com alguém que não pense como ela. Como diz de forma elucidativa: “Se calhar vamos ter um problema!”. No entanto, quando confrontada com a eventualidade de

uma gravidez acidental, as certezas vacilam, pelo que diz: “Não posso responder a essa pergunta porque só acontecendo. Só acontecendo...”. Teresa valoriza sobretudo a sua vida afectiva: a família e a relação conjugal, mas também os amigos.

Joana: “criei os meus irmãos mais novos”

Joana, 36 anos, é divorciada e vive sozinha em Vila Franca de Xira com os seus dois cães. Nasceu em Torres Novas, no seio de uma família numerosa. Filha do meio de um total de cinco irmãos, hoje é a mais velha de três por já terem falecido dois. Teve uma infância difícil mas com muita vida, havia sempre gente a entrar e a sair porque eram muitos, talvez por isso a família surja como principal prioridade na sua vida, a par com a relação conjugal que neste momento não tem, o que poderá traduzir o seu interesse em encontrar alguém. Os pais sempre os educaram para que criassem a sua independência cedo e com Joana não foi excepção. Começou a trabalhar aos 10 anos e acumulou várias experiências entre comércio e serviços. Veio para Lisboa aos 18 anos e passou a trabalhar em grandes empresas, para “ganhar experiência profissional”. Fez uma licenciatura em Comunicação, a sua “paixão”, e actualmente está outra vez a estudar, desta feita para fazer um mestrado. Mas cá também sentiu o silêncio de viver sozinha e perto de si tem apenas uma irmã, a viver em Sintra. O outro irmão vive em Angola, pelo que não conseguem estar tão próximos como gostariam.

Nascer numa família numerosa não é fácil, quando os pais vivem apenas do salário e os irmãos mais velhos se vêem na contingência de ter que tomar conta dos mais novos: “nesse aspecto eu sentia-me sobrecarregada, por sentir obrigação de criar os meus irmãos mais novos, que foi o que aconteceu (...). Eu nunca senti necessidade de ser mãe, porque criei os meus irmãos mais novos e porque os meus pais alteraram o papel de pais para filhos (...), inverteram os papéis e são os filhos que tratam de tudo para eles”. Inclusivamente, o pai foi para um lar e quando precisam que alguém trate de algum assunto é Joana que o faz. É neste peso das obrigações familiares - tanto na infância, em prol dos irmãos, como no presente, devido à dependência dos pais – que reside, para Joana, a explicação para não ter vontade de ser mãe. Isso, aliado ao facto de não estar actualmente em conjugalidade, como refere: “Vi-me ocupada quase a 100% com a minha família e não havia mais tempo para pensar nisso. E entretanto, pronto, tenho pensado mais no projecto profissional e... e... se a pessoa surgir... tudo bem. Mas se não surgir...”.

Na verdade, quando casou em 2005, Joana pensou em ter filhos, mas o marido não era a pessoa certa e o casamento não durou o suficiente para que esse desejo fosse concretizado. Como conta: “Só pensei em engravidar depois de ter casado. Eu não queria

casar, mas ele queria casar (...) pela igreja. Fiz-lhe a vontade... (...). E achei que pronto, que tinha as condições mínimas para tal [ter filhos]. E se viesse a ter filhos seria com aquela pessoa. Afinal tinha escolhido casar com ele. Casei aos 29. Aos 29 já sabes... já sabemos minimamente o que queremos”. Na verdade, Joana passara a trabalhar por conta própria um pouco antes de casar - produzindo programas e dando formação na área de rádio – exactamente para ter maior disponibilidade e poder gerir o seu tempo quando um dia fosse mãe. Talvez pelo facto de trabalhar por conta própria, a relação com colegas está no fim das suas prioridades

Da mesma forma que quis ser mãe naquela relação, não pode dizer com toda a certeza que não voltará a ter essa vontade: “Que isto de coisas definitivas não há (...). É essa a minha posição hoje, não quer dizer que amanhã não mude, não é? Mas acho difícil”. Hoje não lhe restam dúvidas: não é isso que quer para a sua vida. As responsabilidades familiares obrigaram-na a crescer demasiado cedo e sente que não viveu o que devia ter vivido no tempo certo, por isso não se acha preparada para ter mais um ser dependente de si. Por outro lado, falta a pessoa certa e reconhece que, confrontada com uma gravidez accidental, provavelmente teria o bebé, até porque, para ela, as crianças são sinónimo de “amor”, “a melhor coisa do mundo”, e tem a certeza que daria uma boa mãe, até porque já o foi para os irmãos.

Conhece outras pessoas que fizeram a mesma opção e tem uma amiga com quem costuma falar do assunto. Ambas concordam que o momento é para aproveitar a vida, uma vez que esta não lhes tem dado tréguas: “ Sentimo-nos cansadas, no fundo acho que é isso, estamos cansadas”. Em relação às outras pessoas, regista apenas as que lhe dizem que faz bem, as observações das outras prefere não reter. A distância em relação à mãe ajuda Joana a lidar com pressão que ela exerce, embora já esteja mais conformada com o facto de nenhum dos filhos se mostrar muito disponível para lhe dar um neto.

Joana considera que havia uma pressão muito forte para ter filhos na sociedade portuguesa devido à sua tradição católica, mas que hoje em dia há mais abertura para aceitar outros projectos de vida e que o indivíduo se pode realizar mesmo sem filhos. Como explica: “a religião é que durante muitos anos instituiu isso, juntamente com o Estado. Portanto, as pessoas têm crianças e o que ficava bem para a sociedade até era ter muitos filhos. Eu vejo isso na minha mãe, era uma vaidade, passear-se com muitos filhos na rua. E acho que hoje em dia nós (...) percebemos que afinal há outras realidades que não aquela que nos foi inculcada e que as pessoas podem ser felizes mesmo sem crianças. E que não deixam de dar amor a uma pessoa ou a vir a adoptar uma criança ou, não adoptando uma criança, podem fazer voluntariado, podem ajudar a sua própria família e podem canalizar essa energia maternal de outra forma. Mas também considera que as mulheres que decidem ser mães enfrentam dificuldades, devido à desigualdade de género que ainda as

penaliza na esfera doméstica (na sobrecarga de tarefas) e profissional (nos menores vencimentos), bem como na escassez de políticas laborais dirigidas à conciliação e ao apoio da maternidade.

Marta: “não quero ter filhos porque não quero ter filhos”

Filha de pai angolano e mãe portuguesa, Marta, de 31 anos, nasceu em Angola e viveu até aos 14 anos entre Luanda e Lisboa, altura em que se muda definitivamente para a capital portuguesa. O pai faleceu, deixando para trás uma relação pautada pela ausência. Em contrapartida, tem uma relação próxima com a mãe e uma fortíssima ligação à irmã, mais nova 4 anos, que classifica como a sua melhor amiga. Marta revela com alguma tristeza o facto de a irmã viver em Luanda, mas falam-se quase todos os dias ou trocam e-mails, alimentando assim a relação. As duas irmãs partilham também a vontade de não ter filhos: a irmã desde sempre; Marta desde os 22 anos. Até essa altura tinha inclusive nome para os filhos que achava que um dia iria ter. Marta não consegue explicar exactamente o que a fez mudar de ideias, apenas percebeu que ser mãe não era importante para si nem a iria fazer sentir-se mais completa, apesar de Marta adorar crianças e as crianças adorarem-na, talvez pela sua boa disposição: “Não te sei dizer o que é que me fez mudar, houve um momento que eu pus-me a pensar e, vendo bem, não há nada que sinceramente... eu não me iria sentir mais completa por ter ou não ter filhos”.

Não ter netos, é uma ideia à qual a mãe de Marta já se habituou. O mesmo não se pode dizer em relação à família paterna, mais conservadora e com uma concepção cultural e familiar muito rígida. Mas, para Marta, o facto de não querer ter filhos é tão natural, que ela não sente sequer necessidade de justificar para si própria. Não tem complexos em falar no assunto e tem até um grupo de amigas que, por uma razão ou por outra, nenhuma quer ser mãe. “Inicialmente achava que não queria ter filhos porque o mundo está muito mau... e vou pôr mais alguém no mundo para quê? Agora não quero ter filhos porque não quero ter filhos. Acabou (...). Já cheguei à conclusão que quero não ter e não quero ter e não vale a pena estar-me a enganar!”

Questionada acerca do que é que poderia levá-la a mudar de opinião, responde: “o homem e mulher são animais de mudança. Como é óbvio, não vou dizer que daqui a 10 anos eu não possa mudar outra vez, porque eu, quando tinha 22 anos, mudei. Mas agora, neste momento, nada me faria mudar de ideias. Nada mesmo”. E nem mesmo uma gravidez accidental, até porque nem coloca essa hipótese, tão convicta está da sua vigilância contraceptiva cerrada: “sou mesmo muito, muito, muito precavida nesse aspecto. (...) Essa possibilidade só existiria se eu me descuidasse e isso nunca acontece”.

Marta teve dois namorados antes do companheiro actual, sendo que o primeiro, no início da adolescência, apesar da inocência, foi o que a marcou ao ponto de ter sido o único com quem se via ter filhos: “Era o que eu idealizava. Mas pronto, era uma criança”. Com o actual companheiro começou a namorar aos 22 anos. Ao fim de 5 anos de namoro e mais 4 de vida a dois, a decisão de não ter filhos é, efectivamente, um projecto partilhado, aliás desde o início. Marta explica mesmo como foi um processo de negociação tranquilo: “quando fomos viver juntos... eu disse: ‘Tenho que ser sincera contigo... não me interessa ter filhos, não é algo em que eu esteja virada... Espero que isso não te incomode de maneira nenhuma. Estou-te a dizer já isto porque, se queres ter uma vida comigo...’ E ele disse: ‘Não, não te preocupes... Não é algo em que eu pense... Eu sei que a minha família esperava (...), mas eu, para mim não é algo que seja imprescindível”.

Vivem em Lisboa e ambos são actualmente trabalhadores estudantes: Marta está a terminar o mestrado e trabalha numa associação local que lida com pessoas de várias nacionalidades inseridas nas franjas da população mais carenciada; e o companheiro está a tirar uma licenciatura e trabalha numa editora. Marta, gosta do trabalho que desenvolve, do contacto directo com as pessoas, e a sua principal ambição é poder vir a trabalhar numa instituição do Estado com projectos sociais mais estáveis. O trabalho é, assim, uma importante fonte de gratificação. E o trabalho, o investimento profissional, também é, na sua perspectiva, uma das razões centrais das mulheres que optam por não teres filhos “porque, basicamente, neste período de história e da história mundial... as mulheres estão a conseguir alcançar patamares que outrora não conseguiam alcançar... e, verdade seja dita, a partir do momento em que têm filhos, se calhar vão ter que fazer uma escolha, não é?” A outra razão é, então, a dificuldade de encontrar o homem certo para partilhar um projecto parental. Traduzindo essa ideia diz: “Se é para ter filhos, é para ter filhos com alguém muito especial. E se eu não conseguir encontrar esse alguém muito especial, então não quero ter filhos. É um bocado esse sentido que eu vejo que muitas mulheres não querem ter filhos”. Á pergunta a respeito do estabelecimento de prioridades, a família e a relação com o namorado aparecem em primeiro lugar, os amigos vêm logo a seguir bem acima do lazer e tempos livres que aparece mesmo no fim.

Cristina: “se a minha vida desse assim uma volta de 180 graus...”

Nascida em Lisboa há 34 anos, Cristina vive sozinha com a mãe desde os dois anos, não tendo sequer memórias do pai em casa. A separação fez com que a sua mãe acabasse por se isolar dos irmãos e da família em geral, o que tornou a sua infância um pouco triste. Isto não impediu que mantivesse uma boa relação com a mãe, pelo menos até à adolescência,

período denominado por ela própria como “anos rebeldes”. Por outro lado, o pai voltou a casar e teve outra filha, mas a relação entre as irmãs não é próxima e resume-se a alguns encontros ocasionais. Embora a relação entre Cristina e o pai também nunca tivesse sido muito chegada, no presente é na empresa dele que trabalha como administrativa. Até aqui tinha trabalhado em várias áreas, inicialmente a fazer inquéritos numa empresa de seguida trabalhou durante 6 anos numa rede de telecomunicações e depois mudou de empresa para fazer suporte técnico à internet móvel. Cristina sempre foi uma ótima aluna até entrar na faculdade, onde o percurso foi mais acidentado e pautado por desistências. Agora, dez anos mais tarde, está no segundo ano de Comunicação Aplicada e a fazer planos para uma pós-graduação, de forma a poder encontrar-se profissionalmente.

A sua relação com as crianças é fantástica, os miúdos à volta dela chegam a esquecer-se que têm mãe ou que ela é uma adulta. Talvez por essa proximidade, Cristina percebe que as exigências para ter um filho nos dias de hoje são enormes. Acha que a sua perspectiva pode ser egoísta, mas prefere não os ter se não conseguir dar-lhes tudo que acha que eles merecem ter: “Além de achar que ainda tenho muitas coisas para fazer, é o não querer (...) depois privar um filho meu para eu fazer certas coisas...” Tal como na história de Sofia, também aqui encontramos o discurso que remete para a ideia que ter filhos implica uma dedicação que Cristina não se capaz de dar: “E acho também que a partir do momento... se calhar é um bocadinho retrógrado... mas achar que a partir do momento em que tenho um filho não vou ter que privá-lo a ele de certas coisas, para que eu vá sair ou para que... Pronto... Também tenho visto maus exemplos... Se calhar também passa um bocadinho por aí... E não quero ser esse mau exemplo, também”. Apesar disso, o desejo também nunca o sentiu com muita força. Um problema de saúde há dois anos fê-la avaliar a vida, voltou à faculdade mas também se tornou mais firme a sua decisão de não ter filhos.

Cristina vive um relacionamento instável com a mesma pessoa desde os 18 anos: “talvez daí o facto também de não ter sentido que tinha o companheiro ideal para ter um filho”. Nunca viveram juntos e nenhum deles tem casa própria. O namorado, que já tem uma filha de 12 anos de outra relação, ainda acredita que vão ter filhos juntos, mas Cristina está decidida a não ter filhos: “Nunca tive muita vontade de ter. Sempre pensei que a dada altura iria sentir vontade e que talvez aí percebesse que queria ter filhos, mas nunca tive...”.

Cristina já recorreu à IVG duas vezes e, se tornasse a engravidar acidentalmente, provavelmente a sua decisão seria a mesma. Só em condições muito especiais admitiria mudar de ideias, ou seja, se encontrasse o homem certo, que fizesse questão de ser pai e que lhe oferecesse as condições necessárias para ser mãe: “se a minha vida desse assim uma volta de 180 graus (...) uma estabilidade profissional, financeira...se tivesse encontrado a pessoa certa” E acrescenta mais à frente: “Se ele [o homem certo] fizer muita, muita

questão... e se eu sentir que já tenho condições e aquilo que eu imagino que preciso ter para ser mãe... posso ponderar”.

Quando questionada a respeito das suas prioridades, Cristina não hesita em colocar os estudos à frente de tudo o resto, a família e os amigos estão ainda assim no topo das prioridades. Provavelmente pelo facto de não ter o emprego que ambiciona, a profissão vem em último lugar.

Cristina acredita que o adiamento das diferentes fases da vida e a busca de outras formas de realização pessoal são as principais razões que levam mais mulheres a escolher a não-maternidade. A vontade individual é que determina o caminho de cada um: “Vou pela relação conjugal estável mas... Se calhar pela financeira... Mas acho que também tem mesmo a ver com a vontade de cada um. Acho que pronto, não vai tanto pelas políticas nem pela... Acho que se uma pessoa quiser mesmo isso não interessa. Acho que é preciso, é a pessoa sentir essa vontade”.

CONCLUSÃO

Nesta dissertação de mestrado procurámos conhecer as razões, os percursos e as circunstâncias que levam algumas mulheres a optar por um projecto de não-maternidade, bem como a estabilidade do mesmo. Para tal fizemos seis entrevistas a mulheres que assumem uma posição de não querer ter filhos entre os 30 e os 40 anos, posteriormente foi feita uma análise de conteúdo das diversas dimensões da vida das entrevistadas.

Em relação à amostra, intencional pela natureza exploratória e a dimensão diminuta desta pesquisa, é de realçar que, sem terem sido critérios de selecção das entrevistadas, todas tiveram uma trajectória escolar longa – sendo que uma delas está actualmente a fazer uma licenciatura - e estão todas inseridas no mercado de trabalho. Assim, estamos perante uma pequena amostra de mulheres entre os 30 e os 40 anos, de zonas urbanas, com qualificações superiores e com vida profissional activa. E é de crer, face ao que a literatura sociológica tem revelado, que é precisamente nesta franja da população feminina que a não-maternidade tem algum peso.

Ora, ao longo da investigação foi possível encontrar mulheres com percursos de vida e contextos familiares distintos, mas com um projecto de vida (aparentemente) semelhante no que à maternidade diz respeito: de momento, nenhuma quer ter filhos ou antecipa esse cenário. As motivações para recusarem a maternidade podem não ser evidentes. Enquanto algumas mulheres terão acumulado no decurso da sua vida uma sucessão de experiências que culminam nesta decisão, outras afirmam que não se trata de uma decisão, pois “faz parte” (Teresa) da sua individualidade: são mulheres que não sentem *o apelo da natureza*. Uma explicação para não quererem ter filhos reside, assim, na falta de “instinto maternal” (Sofia), pois nunca sentiram essa “vontade” ou “desejo” (Cristina). Mesmo quando concomitante com a falta de uma conjugalidade estável, o facto de nunca terem sentido que a sua realização pessoal passava pela maternidade revelou-se mais determinante.

Outra motivação referida, em mais do que uma entrevista, prende-se com a percepção de que ter filhos implica uma grande dose de abdicação pessoal, na medida em que é preciso uma dedicação total, “a 100%” (Sofia). Os padrões de exigência social em relação à parentalidade conduzem a uma imagem da maternidade enquanto missão em relação à qual é difícil de corresponder. Muitas têm a preocupação de não conseguir corresponder a essas expectativas sociais e reproduzirem o que consideram ser “maus exemplos” de parentalidade, outras não estão dispostas a perder, a sacrificar alguma qualidade de vida e liberdade que conquistaram ao longo dos anos. Os custos de uma maternidade *intensiva* (Badinter, 2010), pelo que implica de abdicar e de dedicar, são,

assim, demasiado elevados, tanto mais que, como em nenhum outro domínio das suas vidas, constituiria uma transição irreversível com demasiados impactos para cada uma destas mulheres.

Isto não significa que não gostem de crianças, pelo contrário, têm uma boa relação com elas de uma forma geral, embora com alguma falta de “jeito”, principalmente com os bebés (Teresa). Outras consideram que as crianças intuem a sua falta de vocação maternal, “não os sinto muito à vontade”, como referiu Sofia Ou seja, reflectem nas crianças o que consideram ser um défice de competências parentais.

Mas isto não significa que estas mulheres estejam fortemente apostadas numa carreira profissional ou que não invistam nas relações pessoais. Na verdade, apesar de estarmos perante mulheres economicamente activas e escolarizadas, as esferas prioritárias das suas vidas são a família de origem e a relação conjugal, mas também as amizades, e nenhuma dá actualmente prioridade à sua vida profissional. E esta é uma conclusão importante, pois revela que não é só entre as mulheres com carreiras profissionais que este fenómeno ocorre. Com efeito, estas mulheres começaram a trabalhar cedo e tiveram alguma rotação por empregos pouco qualificados. Algumas não têm sequer trabalho na sua área de formação, têm o trabalho possível e não o que escolheriam se o pudessem fazer. Por outro lado não são empregos excessivamente desgastantes ou extenuantes, que as deixe sem tempo ou disponibilidade para investir noutras esferas. Ligeiramente diferente é a situação de Maria e de Teresa: tendo concretizado recentemente os seus projectos profissionais em áreas artísticas, são elas que referem a necessidade de proteger a consolidação desses projectos de vida de uma eventual maternidade. Como disse Maria, que montou recentemente o negócio de joalheria: “se tiver um filho nas condições em que estou agora... a minha vida acabou (...), perco o meu negócio (...) e portanto não é sequer uma opção”. Mas trata-se, sobretudo no caso de Maria, de um projecto de autonomização financeira.

A questão da conjugalidade está, sem dúvida, no centro desta opção. É de referir o caso de Joana, que enquanto esteve casada fez planos para ser mãe reequacionando-os quando se separou. Já Cristina, que está há alguns anos numa relação instável diz que não tem “o companheiro ideal para ter um filho”. Apesar de ele manifestar vontade de ter filhos com ela, Cristina já fez duas IVG. Para ela, filhos só com “a pessoa certa”. Nos outros casos a ausência de conjugalidade é um cenário fortemente influenciador da sua opção, pois admitem vir a ponderar a maternidade se encontrarem o parceiro certo e as condições certas, ou seja, estabilidade financeira e um parceiro também estável e que manifeste uma forte vontade de ter filhos. Mas para aquelas que não equacionam qualquer espaço para a maternidade nas suas vidas, a questão da conjugalidade não está menos presente, referindo a importância de estar com alguém que partilha este projecto de vida. É o caso de

Marta, que vive em união de facto, mas também o de Teresa, que estando actualmente sozinha, diz que terias problemas numa relação em que o companheiro quisesse ter filhos. Importa ressaltar que este trabalho revelou projectos de não-maternidade mais estáveis que outros. Se, por um lado, para algumas esta decisão é inabalável, por outro lado, outras admitem a possibilidade de vir a mudar de ideias caso as circunstâncias das suas vidas se venham a alterar significativamente, se a vida desse “uma volta de 180 graus”, como disse Cristina. O parceiro certo e condições económicas mais favoráveis aparecem, como já referimos, como os principais detonadores de uma inversão no projecto de não-maternidade. Mas, tirando 2 casos de grande convicção, a gravidez acidental também pode levar a uma reavaliação da opção da não-maternidade. Com efeito, a maioria das entrevistadas, quando confrontadas com a possibilidade de uma gravidez acidental, tem dificuldade em admitir o cenário, pois sentem que fazem um controlo contraceptivo muito eficaz: “essa possibilidade só existiria se eu me descuidasse, e isso nunca acontece, eu nunca me descuido” (Marta); “Acidentes não me acontecem, não é possível” (Maria). Nenhuma das entrevistadas se revelou contra a IVG, não obstante o facto de a pergunta não ter sido colocada directamente. Não obstante, Sofia e Maria afirmaram não equacionar o cenário se fossem confrontadas com uma gravidez acidental: Sofia afirma que levaria a gravidez até ao fim após o que cederia o filho para adopção; Maria, assim como Joana, perante esse cenário assumiriam a maternidade.

Ao longo das entrevistas foram realizadas perguntas acerca da vida familiar e da infância de cada uma destas mulheres. Se é de notar que os percursos de cada uma são vincadamente distintos, a forma como influenciaram o seu projecto de vida, também. Maria, por só recentemente ter uma relação próxima com a mãe, de quem ainda é dependente emocional e financeiramente, ainda não se sente suficientemente amadurecida para lidar com a dependência de uma criança em relação a si. Considera que tudo agora acontece mais tarde na vida. Cristina viveu uma infância “triste” desde a separação dos pais. A mãe sempre teve dificuldade em adaptar-se e aceitar a separação e foi numa tia que encontrou o suporte emocional. Mas o caso mais revelador da influência da infância é o de Marta que, ao contrário de Maria, teve de crescer demasiado rápido. Cresceu numa família numerosa, onde teve sob sua responsabilidade a criação dos irmãos mais novos. Actualmente, a falta de autonomia dos pais revela-se como uma sobrecarga que também não lhe deixa espaço nem vontade para ter filhos.

Mas para lá das diferenças, há um traço que é comum a todas estas narrativas e que se prende com a ideia de *escolha*. Todas as entrevistadas partilham a convicção de que são eles que têm de construir autonomamente os seus projectos de vida. A recusa das normas sociais e da ideia de que as mulheres têm um destino biológico e social a cumprir – serem mães – é o que as mais aproxima. é o de Maria expressa esta convicção de forma

interessante: só assumiu a sua opção após sentir pressões para ser despachar a mãe, pois estava a ficar “atrasada”,

Curiosamente, ao contrário do estudo de Barros (2009) também sobre a não-maternidade, em que só foram entrevistadas mulheres casadas, ao nosso estudo chegaram mulheres em diferentes situações face à conjugalidade: umas em situações afectivamente mais estáveis do que outras, outras actualmente ou sempre sós, mas nenhuma casada. A não-maternidade será mais frequente nas uniões de facto do que em casamentos legais? Os resultados desta análise permitem suspeitar da existência de uma ligação entre a não-maternidade e a não oficialização de conjugalidade. Contudo, desta hipotética ligação não se pretende inferir qualquer causalidade embora nos pareça ser um ponto interessante a estudar futuramente.

Certamente também pela diferença das amostras destes 2 estudos, aqui encontrámos projectos de não-maternidade distintos, nomeadamente aqueles que configuram a resignação (com alguma dose de expectativa) de não terem encontrado a pessoa certa. Daí estes serem projectos que não fecham completamente a porta à maternidade. Por conseguinte, compreender os projectos de não-maternidade e a sua estabilidade ao longo do tempo, a partir das diferentes situações das mulheres face à conjugalidade e o modo estas evoluem, constitui outro foco importante para futuras análises sobre este tema.

Por fim, queremos apenas acrescentar que uma das dificuldades com que este trabalho se deparou foi a existência de poucos estudos sociológicos feitos nesta área, o que, de alguma forma, nos obrigou a explorar um território pouco conhecido mas de grande relevância social.

BIBLIOGRAFIA

- Aboim, Sofia (2006), *Conjugalidades em Mudança. Percursos e Dinâmicas da Vida a Dois*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais.
- Aboim, Sofia (2010), “Género, Família e Mudança em Portugal”, em K. Wall, S. Aboim e V. Cunha (coord.), *A Vida Familiar no Masculino. Negociando Velhas e Novas Masculinidades*, Lisboa, CITE, pp. 39-66.
- Almeida, Ana Nunes *et al* (1998), “Relações familiares: mudanças e diversidade”, em J. L. Viegas e A. F. Costa (orgs.), *Portugal, que modernidade?*, Oeiras, Celta Editora, pp.45-78.
- Almeida, Ana Nunes (2003), “Família, conjugabilidade e procriação: valores e papéis”, em J. Vala, M. V. Cabral e A. Ramos, *Valores Sociais: mudanças e contrastes em Portugal e na Europa*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, pp.50-93.
- Almeida, Ana Nunes (coord.) (2004), *Fecundidade e Contraceção. Percursos de Saúde Reprodutiva das Mulheres Portuguesas*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais.
- Alves, Laura (2008), *Não quero ser mãe – Quando as mulheres decidem não ter filhos*, Lisboa, Livros de Seda.
- Ariès, Philippe (1980), “Two Successive Motivations for the Declining Birth Rate in the West”, *Population and Development Review*, vol. 6 (4), pp. 645-650.
- Badinter, Elisabeth (2010), *O conflito – A mulher e a mãe*, Lisboa, Relógio D' Água.
- Barros, Margarida Maria de Matos (2009), *Ser quem sou: O projecto da não-maternidade*, Dissertação de Mestrado em Estudos Sobre Mulheres, Lisboa, Universidade Aberta.
- Beauvoir, Simone (2008), *O Segundo Sexo*, Lisboa, Bertrand Editores/Quetzal Editores.
- Carmichael, Gordon e Andrea Whittaker (2007), “Choice and circumstance: Qualitative insights into contemporary childlessness in Australia”, *European Journal of Population*, 23, pp. 111–143.
- Cunha, Vanessa (2007), *O Lugar dos Filhos - Ideias, Práticas e Significados*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais.
- Cunha, Vanessa (2010), “O filho único na sociedade portuguesa contemporânea: descendência ideal ou descendência possível?”, em APS, *Actas do Colóquio Internacional Família Género e Sexualidade nas Sociedades Contemporâneas 2002*, Lisboa, APS, pp. 203-215.
- Cunha, Vanessa e Jacques-Antoine Gauthier (2011), “Is postponement a new pathway to childlessness? Outlining the (un)reproductive trajectories of three generations of Portuguese men and women”, comunicação apresentada no 10º Congresso da Associação Europeia de Sociologia, Setembro de 2011, Lausanne,
- Frejka, Tomas (2008), “Parity distribution and completed family size in Europe: incipient decline of the two-child family model?”, *Demographic Research*, (Online), 19(4): 47-72.
- Giddens, Anthony (2001), *Sociologia*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- González, Maria José e Teresa Jurado-Guerrero (2006), “Remaining childless in affluent economies: a comparison of France, West Germany, Italy and Spain, 1994–2001”, *European Journal of Population*, 22, pp. 317-352.
- Guerra, Isabel (2006), *Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo. Sentidos e Formas de Uso*, Estoril, Príncipia Editora.

- Guerreiro, Maria das Dores, Anália Torres e Cristina Lobo (2009), "Changing families: configurations, values and recomposition processes", em M. D. Guerreiro, A. Torres e L. Capucha (orgs.), *Welfare and Everyday Life, (Portugal in the European Context, vol. III)*, Lisboa, Celta Editora, pp. 7-35.
- Heaton, Tim *et al* (1999), "Persistence and change in decisions to remain childless", *Journal of Marriage and the Family*, 61, pp. 531-539.
- Kaufmann, Jean-Claude (2008), *L'Entretien Compréhensif*, Paris, Armand Colin.
- Lobo, Cristina (2009), *Recomposições familiares: Dinâmicas de um Processo de Transição*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
- Maier, Corinne (2008), *No Kid – 40 razões para não ter filhos*, Lisboa, Guerra e Paz.
- McAllister, Fiona e Lynda Clarke (1998), *Choosing Childlessness*, London, Family Police Studies Centre.
- Parsons, Talcott e Robert Bales (1955), *Family Socialization and Interaction Process*, London, Routledge & Kegan Books.
- Quivy, Raymond e Luc Van Campenhoudt (1992), *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, Lisboa, Gradiva.
- Testa, Maria Rita (2007). "Childbearing preferences and family issues in Europe: evidence from the Eurobarometer 2006 survey", *Vienna Yearbook of Population Research 2007*, pp. 357-379.
- Torres, Anália (2001), *Sociologia do casamento. A família e a questão feminina*, Oeiras. Celta Editora.
- Wall, Karin (org.) (2005) *Família em Portugal – Percursos, interações, redes sociais*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais.
- Wall, Karin, Sofia Aboim e Vanessa Cunha (2010) (coord.), *A Vida Familiar no Masculino. Negociando Velhas e Novas Masculinidades*, Lisboa, CITE.

ANEXOS

ANEXO A – Guião de Entrevista

GUIÃO DE ENTREVISTA

Estou no momento a fazer um estudo sobre mulheres que não querem ter filhos, no âmbito do mestrado em sociologia do ISCTE-IUL. Gostaria de lhe colocar algumas questões sobre si, a sua vida familiar e profissional, e as razões pelas quais fez essa opção.

A entrevista será gravada, mas a sua identidade, assim como todas as respostas são confidenciais e anónimas.

Não existem respostas certas ou erradas.

Entrevista nº _____

Data ____ / ____ / ____

Hora de Início: ____ horas ____ min.

Hora de fim: ____ horas ____ min.

Tempo total: ____ horas ____ min.

Identificação

- Nome/Idade/Habilitações/Estado civil
- Com quem vive (Nome/Idade/Habilitações/Estado civil)?

Percurso Profissional

- Descreva brevemente o seu percurso profissional. Com que idade começou a trabalhar e o que fazia então? Depois desse primeiro emprego, teve algum que tivesse sido particularmente importante e porquê? Há quanto tempo trabalha no local onde está hoje? Quais são especificamente as suas funções? Actualmente trabalha mais com homens ou mulheres? E gosta mais de trabalhar com quem? O seu trabalho é importante para si, em que medida? E que expectativas profissionais ainda tem?

Infância e Escola

“Vamos falar brevemente da sua infância”

- Durante a infância onde e com quem viveu?
- Tinha uma boa relação com todas as pessoas com quem vivia/ como era o ambiente familiar/ foi feliz durante a infância.
- Tem irmãos? (Sim) Como era a sua relação com os irmãos quando eram crianças? (Não) Ou se gostava de os ter tido?
- Se tem sobrinhos? (sim) como é a sua relação com eles?
- Era boa aluna? Como classificaria o seu percurso escolar?

Contexto Social /Contexto da opção

“Vamos falar um pouco sobre a sua opção de não ter filhos”

- Sempre pensou que não queria ter filhos? Quando é que a decisão de não ter filhos tomou contornos definitivos? Existiu algum acontecimento que considere ter sido determinante na sua decisão?
- Qual a razão ou razões que a leva a não querer ter filhos?
- Houve algum momento em que teve dúvidas em relação à sua posição?
- Alguma coisa a faria mudar de ideias? O quê? (*caso não tenha mencionado*) E se engravidasse acidentalmente, o que faria?
- Conhece outras pessoas que tenham feito a mesma opção?
- Exprime a sua opinião sem reservas perante as pessoas em geral? Se não, em que circunstâncias o faz? Com quem costuma falar sobre este assunto? Tem por hábito a participação em fóruns de discussão ou redes sociais a respeito do tema?
- Qual é a sua postura em família? Assume abertamente a opção? Como é a reacção da família?
- Qual é normalmente a reacção das outras pessoas quando manifesta a sua opinião?

Contexto conjugal

“Vamos falar um pouco dos relacionamentos amorosos que eventualmente teve ao longo da vida”

- Teve relacionamentos amorosos que tivessem sido importantes para si? Em relação a cada um deles, que idade tinha quando começou esse relacionamento, quanto tempo durou e se viveu com essa pessoa.

- Em cada um desses relacionamentos, a sua posição em relação a não querer ter filhos foi sempre a mesma ou houve momentos em que pôs em causa a sua opção?
- Nesses relacionamentos houve sempre concordância de posições face à opção?
- Considera que a sua vontade em não ter filhos contribui para o fim de alguma relação?

(Se casada ou em relação conjugal, actualmente)

- Qual a posição do seu actual companheiro? *(Quando diferente da dela)* Como é que pensam resolver essa diferença de opinião?

(Se sozinha actualmente)

- Se a posição de um futuro companheiro for diferente da sua, como pensa lidar com o assunto, põe a hipótese de ponderar a sua posição?

Opinião

“Para finalizar, gostaria de saber a sua opinião em relação ao seguinte”

- Tem a ideia que há cada vez mais mulheres que não querem ter filhos? Porque é que acha que fazem essa opção?
- Se disser a palavra “criança” qual é a primeira coisa que lhe vem à cabeça? Qual é opinião que tem das crianças em geral? Como descreveria a sua relação com as crianças?
- Qual o factor que considera mais determinante para fazer uma mulher mudar de opinião e decidir ter um filho? (políticas públicas, maior possibilidade de conjugação trabalho/maternidade, partilha de tarefas domésticas, capacidade financeira, relação conjugal estável)

Esferas da vida (ordem de importância)

- Mesmo para terminar, gostaria que ordenasse estas diferentes esferas da sua vida, em função da importância que elas têm presentemente para si:
 - relação conjugal
 - profissão
 - estudos
 - relação com familiares (pais, irmãos)
 - relação com amigos
 - relação com colegas (trabalho, de estudo)
 - lazeres, tempos-livres
 - outras, quais? .

ANEXO B – Caracterização das entrevistadas e das famílias de origem

Quadro b.1 – Caracterização das entrevistadas e das famílias de origem

Ent. Nº	Nome Fictício	Idade	Habilitações literárias	Profissão	Situação conjugal	Com quem vive	Nº de irmãos e meios-irmãos	Situação conjugal dos pais	Naturalidade
E1	Sofia	31	L. em Ciências da Comunicação	Gestora de Utilização	Sem experiência de vida em casal	Pais	2	Casados	Lisboa
E2	Maria	31	L. em Psicologia	Joalharia	União de facto de 3 anos: 2ª conjugalidade	Companheiro	1	Divorciados (ambos re-casados)	Lisboa
E3	Teresa	37	L. em Arquitectura	Artesã	Sem experiência de vida em casal	Sozinha	1	Casados	Oeiras
E4	Joana	35	Mestre em Comunicação, Cultura e Tecnologias de Informação	Formadora/Produtora de conteúdos	Divorciada	Sozinha	4	Casados	Torres Novas
E5	Marta	31	Mestre em Serviço Social	Técnica de Serviço Social	União de facto de 4 anos: 1ª conjugalidade	Companheiro	1	Mãe viúva	Luanda
E6	Cristina	34	Frequência de licenciatura	Administrativa	Sem experiência de vida em casal (namoro longo, mas instável)	Mãe	1	Divorciados (pai re-casado)	Lisboa

ANEXO C – Sinopses das entrevistas

Quadro c.1 – Infância e Família de Origem

Sofia	<p>Vivo em Lisboa na mesma casa onde nasci. Com os meus pais e dois irmãos, mais velhos</p> <p>Uma infância boa, feliz, muito feliz.</p>
Maria	<p>Vivi sempre com a minha mãe. Os meus pais separaram-se quando era pequenina.</p> <p>Tive um óptimo ambiente em casa do meu pai, com a ex-mulher dele, não com esta, mas com a anterior, sim. A filha dela foi sempre como uma irmã.</p> <p>Nunca tive uma boa relação com a minha mãe, nem com o meu pai, tinha com a minha tia (irmã da minha mãe).</p> <p>O ambiente familiar era algo triste. Fui feliz até aos 8, 9 anos, depois fui profundamente infeliz. Lembro-me que tudo o que pedia à minha mãe era um irmão.</p>
Teresa	<p>Vivi com os meus pais e com a minha irmã, em Oeiras.</p> <p>Tive uma infância normal, perfeitamente normal, com bom ambiente.</p>
Joana	<p>Vivi com os meus pais e os meus 5 irmãos em Torres Vedras, até vir para Lisboa com 18 anos.</p> <p>Tínhamos um ambiente com muita vida por sermos muitos.</p> <p>Tive uma infância difícil, não é fácil crescer numa família grande que vive com o salário dos pais. Sentia-me sobrecarregada por sentir obrigação de criar os meus irmãos mais novos.</p>
Marta	<p>Eu tenho a minha infância dividida entre Luanda e Lisboa. A minha mãe é portuguesa e o meu pai é angolano. Tive até aos 8,9 anos em Luanda e depois vim para Lisboa, fiquei cá até aos 12 anos depois voltei para Luanda. Dos 14 até hoje, estou cá.</p> <p>Não tinha uma relação muito próxima com o meu pai, era uma figura bastante ausente. Podia mascarar a situação e dizer que era por causa da profissão dele mas não era só isso. Ele não tinha mesmo interesse. A certa altura comecei a ver que ele não tinha muito interesse em passar tanto tempo em casa.</p>
Cristina	<p>Sempre com a minha mãe. Até aos 2 anos é que vivi com o meu pai, depois sempre com a minha mãe. Tivemos uma boa relação até entrar na adolescência, com o meu pai nunca tive proximidade. A minha mãe sempre foi um bocadinho deprimida em relação ao facto do meu pai ter saído de casa. Nunca houve aquele ambiente de festa, nem aquele ambiente de família. A minha mãe nunca foi muito de se juntar com os irmãos nas épocas festivas. Sempre foi assim uma infância, um bocadinho, não vou dizer triste, nem infeliz mas...</p>

Quadro c.2 – Percurso Escolar

Sofia	Mediana. Eu nunca gostei de estudar. Nunca chumbei na vida. Acabei o 12º ano num externato. Sou licenciada em Ciências da Comunicação.
Maria	Sou licenciada em Psicologia. Aos 26, resolvi tirar [um curso de] joalheria. Muito boa aluna, sempre a melhor aluna.
Teresa	Licenciada em Arquitectura. Era boa aluna, sempre fui.
Joana	Eu já tinha 10º ano mas quis ir para a via profissional. Então fiz um curso de técnica de informática, tive média de 16. Era uma aluna média, sim, não queria ser boa aluna. Estudava para o mínimo. Licenciada em Comunicação. A tentar terminar o mestrado em Comunicação, Cultura, e Tecnologias da Informação.
Marta	Licenciada em Estudo Africanos. A tentar terminar o mestrado em Serviço Social. Fui boa aluna até chegar à faculdade. Na primária dava-me 20, no ensino básico dava-me 18, secundária também dava um 18 e licenciatura dava um 13.
Cristina	A frequentar uma licenciatura. Era boa aluna no liceu, depois fui para a faculdade, desisti. Voltei a ir para a faculdade e voltei a desistir. E pela terceira tentativa fui para a faculdade e voltei a desistir. Sempre desisti, nunca foi por chumbar ou por ser má aluna. Entretanto agora volto a estudar e os resultados têm sido satisfatórios.

Quadro c.3 – Percurso Profissional e Projectos Actuais

Sofia	Comecei a trabalhar aos 18 anos. Tirei o curso de cabeleireira, e trabalhei como cabeleireira, em <i>call-centers</i> , lojas de bijutaria, numa revista. Agora é gestora de utilização numa empresa gestora de seguros de saúde. Trabalha mais com mulheres, a preferência é conforme os assuntos. Nos próximos, pelo menos três anos, vejo-me ali. Três a cinco anos. Não consigo ter outras expectativas.
Maria	Sempre trabalhei, mesmo no liceu, comecei a trabalhar em lojas, desde os 14 anos. Fui hospedeira de eventos enquanto fiz a faculdade. Depois trabalhei em produção de concertos, programas infantis. Depois fiz um curso de joalheria. E agora tenho a minha oficina. O meu objectivo era que o negócio continuasse a crescer e a desenvolver-se como tem vindo a acontecer. Desde há cinco meses para cá.
Teresa	Comecei a trabalhar quando estava no 4º ano da faculdade, fui trabalhar para um atelier onde estive 10 anos. Tirei um curso de cerâmica, despedi-me para me dedicar em exclusivo à cerâmica. Trabalhei no Museu..., tinha trabalhado em <i>part-time</i> como artesã. Agora acabei de abrir esta loja há menos de uma semana. A minha expectativa é que corra bem mas prefiro viver no presente.

Joana	<p>Comecei por trabalhar com 10 anos na rádio, aos 14 num escritório, aos 16 num restaurante. Depois em grandes empresas. Trabalho por conta própria em produção de programas de rádio e dou formação na mesma área.</p> <p>Tenho perdido muito dinheiro porque insisto em trabalhar em coisas que me dão prazer. Neste momento tenho sido sempre prestação de serviços mas queria formalizar uma empresa minha.</p>
Marta	<p>Tinha um part-time, que era na Tive basicamente os quatro anos da licenciatura a trabalhar à noite e a estudar durante o dia. Depois disso, trabalhei na área do serviço social em associações.</p> <p>Eu gostava de ir mesmo para uma casa da misericórdia que trabalha com o Estado. Gostava de ver o outro lado. Estar a trabalhar para o Estado é completamente diferente de estar a trabalhar para uma associação que amanhã (...) vamos todos para a rua.</p>
Cristina	<p>Comecei a trabalhar aos 19, a fazer inquéritos. Depois trabalhei no ... 1 ano. Depois entrei para a ..., para a ..., fiz a abertura da ... em 2000. Estive lá até 2006, depois passei para a ..., suporte técnico à internet móvel. Estive um ano, e entretanto depois saí e estou a trabalhar na empresa do meu pai até hoje.</p> <p>Actualmente, não estou propriamente realizada profissionalmente. As minhas expectativas é acabar a licenciatura e conseguir, não sei bem como, encontrar trabalho dentro da área de Comunicação Aplicada. Depois quero fazer pós-graduação em organização de eventos.</p>

Quadro c.4 – Relacionamentos Amorosos: namoros, conjugalidades e a questão dos filhos

Sofia	Comecei a namorar novinha. Sérios, posso considerar dois. Nunca se falou em ter filhos. A minha opção não contribuiu para o fim da relação.
Maria	De três em três anos. Vivo junto com o actual e vivi com o anterior. Na relação actual, ele diz que senão tiver filhos, vive bem com isso.
Teresa	O último durou 4 anos, não chegamos a viver juntos. Nunca vivi em conjugalidade. Felizmente tenho-me dado sempre com pessoas que não querem ser pais.
Joana	Fui casada durante 5 anos, depois de ter tido um outro relacionamento marcante. Durante o casamento tentei engravidar mas não aconteceu, acabei por me divorciar.
Marta	Tive alguns namoros pouco sérios, o relacionamento que tenho actualmente já dura há 9 anos, vivemos juntos há 4 anos.
Cristina	Namoro com a mesma pessoa desde os 18 anos, mas não tem sido propriamente estável, talvez por isso não sinto que tenho o companheiro ideal para ter filhos, embora já tenhamos falado em viver juntos e ter filhos, ele acha que vai ter filhos comigo, eu não estou a ver como.

Quadro c.5 – Projecto de Não-Maternidade: origem e estabilidade da decisão

Sofia	Desde sempre. Nunca senti o que as pessoas chamam relógio biológico, instinto maternal. Em tempo algum. Nem aos 15, nem aos 20, nem aos 25. Foi algo que nunca senti necessidade.
Maria	Ainda não sei se tomou contornos definitivos, hoje sim, amanhã logo se vê. Mas provavelmente quando as pessoas começaram a agir comigo como se eu estivesse atrasada para ir a algum sitio.
Teresa	Sempre, desde sempre pensei assim. Não sei quando tomei a decisão, acho que é ao contrário, quando se quer ter filhos é que se pensa no assunto, para mim foi natural, foi uma escolha, Portanto nem é uma decisão...faz parte. Fala-se que no mundo artístico, temos os “nossos bebés” não precisamos tanto dessa outra parte.
Joana	É a minha posição hoje, não quer dizer que amanhã não mude, mas acho difícil. Isto de coisas definitivas, não há.
Marta	Até aos 22 eu queria ter filhos e até tinha nome para eles. Mas não sei o que me fez mudar, um dia pus-me a pensar e vendo bem, eu não me ia sentir mais completa por ter ou não filhos. Eu e o meu namorado falamos nisso quando fomos viver juntos, da parte dele também não era um problema.
Cristina	Nunca tive muita vontade de ter. Sempre pensei que a dada altura iria sentir essa vontade e que talvez aí realmente percebesse que queria ter filhos mas nunca tive. Houve alturas que me imaginei de barriga e olhava para as outras raparigas e perguntava -me como é que eu seria mas nunca tive muito aquele desejo.

Quadro c.6 – Projecto de Não-Maternidade: razões pessoais

Sofia	Várias. Acho que é uma coisa que tens de sentir. Os meus afilhados que são aqueles com que passo mais tempo, passar um dia tudo bem, uma semana já é muito tempo. Eu prefiro não os ter, fazer a minha vida em plena liberdade, com os meus horários, como eu quero, quando eu quero, sem ter qualquer dependência de crianças. É uma opção que eu tenho. Gosto muito delas...mas em casa dos outros.
Maria	Não sou independente. Não cuido de mim, acho que ainda não sou filha de pleno direito para pode ser mãe.
Teresa	Não tenho instinto maternal, acho que não tenho capacidade para ser mãe.
Joana	Exigência muito elevada na escolha do pai, falta a pessoa certa. Durante algum tempo achei que seria a parte financeira, mas hoje já não, já tenho casa própria há dez anos e o principal é um tecto

Marta	Inicialmente achava que o mundo estava muito mal, mas hoje, não quero porque não quero, eu sou uma cabeça no ar, senão consigo ser responsável por mim como é que vou ser por outra pessoa
Cristina	Há dois anos atrás. Depois de um problema de saúde que tive. Não foi só a partir daí mas acho que fiquei mais decidida a não ter. Acho que é um pouco egoísmo. Além de achar que ainda tenho muitas coisas para fazer. Não é egoísmo só da minha parte. É não querer depois privar um filho meu... se calhar é um bocadinho retrógrado Também tenho visto maus exemplos... E não quer ser esse mau exemplo.

Quadro c.7 – Projecto de Não-Maternidade: razões das mulheres em geral

Sofia	Das duas uma, não sei se os motivos delas são os mesmos que os meus. Porque não tem companheiro para os ter. Segunda, por uma questão de carreira. Ou constroem família, ou constroem carreira.
Maria	Acho que a nossa rota biológica está em choque com a nossa rota social. Nós somos crianças até mais tarde, ou adolescentes até mais tarde, jovens adultos até mais tarde. E eu acho que é o estarmos a atrasar e a biologia não estar a acompanhar.
Teresa	Não faço ideia, talvez as carreiras. Não faço ideia o que vai na cabeça de cada um.
Joana	O problema principal está mesmo na conciliação trabalho-família. A mulher para conseguir um salário equivalente ao do homem tem que trabalhar mais horas. Ao mesmo tempo acumula tarefas domésticas em casa. [Não haver] empresas que têm políticas de apoio à maternidade.
Marta	Vão fazer essa escolha relacionada um bocado com a profissão. As mulheres estão a conseguir alcançar patamares que outrora não conseguiam. A partir do momento em que têm filhos, se calhar, vão ter que fazer uma escolha. Se eu não conseguir encontrar esse alguém muito especial, então não quero ter filhos. É um bocado esse sentido que eu vejo que muitas mulheres não querem ter filhos.
Cristina	Acho que cada vez mais as pessoas estão mais viradas para elas próprias. Demoram mais tempo a encontrar-se e a conseguirem sentir-se realizadas.

Quadro c.8 – Condições Gerais para uma Mulher Acolher a Maternidade

Sofia	Uma relação estável e divisão de tarefas, acho importantíssimo. Mas tem de vir de dentro, tem que ser uma coisa que se sente.
Maria	Plataforma financeira. Políticas de família. Garantia que a vida de uma mulher não acaba se for mãe, eu sou uma trabalhadora liberal, se engravidasse a minha vida acabava. Noutros países as mulheres são apoiadas.
Teresa	Capacidade económica...
Joana	O problema maior está na conciliação trabalho/família. Uma mulher para ganhar o mesmo que um homem tem que trabalhar mais horas, continua a haver esta diferença. Ao mesmo tempo as mulheres acumulam as tarefas domésticas, as empresas deviam ter políticas de apoio à maternidade.
Marta	A falta de oportunidades, as condições a nível de trabalho estão muito complicadas, uma mulher que diga que quer ter filhos numa entrevista provavelmente não fica com o emprego.
Cristina	Relação conjugal estável e pela estabilidade financeira. Mas acho que o importante é a vontade de cada um, não vou por políticas que se possam adoptar. A pessoa tem que sentir vontade.

Quadro c.9 – Decisão perante uma Gravidez Acidental

Sofia	Digo-te que o tinha. Provavelmente dá-lo-ia para adopção. Acho que não iria conseguir suportar o aborto. Acho que conseguia suportar melhor a ideia de não ter morto um bebé, um feto. Gerei, dei-lhe as melhores condições possíveis durante a gravidez, alimentação, cuidados médicos, tudo e de seguida ser adoptado realmente por alguém que realmente quer ter filhos.
Maria	Acidentes não me acontecem, não é possível, mas imaginando essa hipótese, teria o filho. Sou muito liberal em relação ao aborto mas não era capaz de fazer um.
Teresa	Não posso responder a essa pergunta, só acontecendo.
Joana	É quase impossível que isso acontecer, mas se acontecesse era provável que o tivesse.
Marta	Não sei, nunca pensei nisso. Essa possibilidade só existiria se eu me descuidasse, e isso nunca acontece, eu nunca me descuido.
Cristina	Já aconteceu. E das duas vezes que aconteceu optei por tirar. Actualmente acho que optaria pelo mesmo.

Quadro c.10 – Projecto de não-maternidade e Família de Origem: comunicação, pressão e processo de aceitação

Sofia	Eu nunca escondi. Nem dos meus pais nem dos meus irmãos. Nunca escondi o facto de não querer ter filhos, nunca. Mas isto desde sempre.
Maria	Eles querem mas... Pai e Mãe, mas estão comigo. Acham que estou a construir uma coisa só para mim. Eu se precisar de ficar em casa de baixa por 3 meses a minha vida profissional acabou.
Teresa	Já estão habituados. Houve tentativas de me mudarem a maneira de pensar, mas cedo desistiram. Já se conformaram. Já sabem que não vão ter um netinho aqui deste lado.
Joana	A minha mãe gostava de ser avó mas sabe que não vai ser, nem eu nem os meus irmãos queremos ter filhos. Ela exerce alguma pressão mas como moro longe consigo lidar melhor com a pressão.
Marta	A família do meu namorado não aceita muito bem, a minha mãe já se conformou, embora ainda fale no assunto. Nem eu nem a minha irmã queremos ter filhos. Do lado da família do meu pai é mais complicado, eles são angolanos, culturalmente os filhos são tudo.
Cristina	O meu pai de início achava que era um disparate. Mas já aceitou a ideia. E já vive bem com isso. A minha mãe, pronto, sempre disse que eu é que sabia. Qualquer pai, depois de ter os netos e se calhar era motivo de alegria. Mas acho que eles compreendem que não vão ter essa opção. Pelo menos da minha parte.

Quadro c.11 – Projecto de não-maternidade e os “Outros”

Sofia	Em família, nunca escondi, desde sempre. Em relação aos outros é um assunto que não puxo, se calhar em contexto, falo, não fujo do assunto, mas de minha iniciativa, não. Assusta as pessoas.
Maria	Quando sou confrontada, exprimo a quem me confronta com a chamada obrigação de ter filhos.
Teresa	Se vier a propósito, sim. Não é um assunto com o qual perca muito tempo.
Joana	Assumo completamente a minha opção, sem dificuldade nenhuma. Só gosto de me lembrar das opiniões positivas, as outras prefiro nem me lembrar delas
Marta	Exprimo sem qualquer problema. Sei que isso choca algumas pessoas, principalmente as de mais idade.

Cristina Assumo a minha decisão Normalmente acham sempre isso um dia muda. Isso quando te der, dá. Se te acontecer de certeza que não vais pensar assim.

Quadro c.12 – Relação Pessoal com as Crianças: em geral e sobrinhos

Sofia	A criança tem o bom e tem o mal. Eu não acho que crie uma grande empatia com as crianças. Elas não me tratam mal aos berros quando me vêem. Com crianças que conheço e vou vendo, a coisa corre melhor. Não os sinto muito à vontade para brincar comigo. Tenho 2 sobrinhos. Um rapaz com 15 e uma rapariga com 6. De irmãos diferentes. Boa relação. São os meus dois afilhados. Uma madrinha será a substituição, à falta dos pais, os meus irmãos pensaram muito nisso, acharem que eu teria capacidade de tratar, e tenho.
Maria	Difícil. Crítica. Criança sugere responsabilidade. Depende das crianças, a minha opinião vai para os pais que as educam, eu não tenho paciência.
Teresa	Quando se fala em crianças, a primeira coisa que me vem à cabeça é o meu sobrinho. Eu gosto de crianças, tenho sorte de ter miúdos impecáveis ao meu lado, passo férias com amigos que têm filhos. Tenho uma boa relação com as crianças, acho que não tenho jeito para bebés, mas se já souberem falar... Tenho um sobrinho mas nem sei que idade tem, não temos relação nenhuma, a minha irmã afastou-se de toda a gente.
Joana	A primeira coisa que me ocorre quando se fala em crianças, é amor. São a melhor coisa do mundo. Dou muito bem com as crianças, tenho a certeza que seria boa mãe.
Marta	Amor é a palavra que me vem à cabeça se falar de crianças, eu adoro crianças, adoro mesmo crianças. Dou-me muito bem com elas, adoram brincar comigo, acham-me sempre piada. Na sei explicar acho muito engraçado estar com os filhos dos outros mas em minha casa é um bocado diferente.
Cristina	Brincadeira é a primeira coisa que associo a uma criança. Eu gosto muito de crianças, divirto-me imenso com elas. Mas sou mais amiga que disciplinadora. Os filhos dos meus amigos não me respeitam, respeitam, mas sou a primeira a quem se atiram primeiro, sou companheira de brincadeiras.

Quadro c.13 – Prioridades Pessoais: ordenação de determinadas esferas da vida

Sofia	Família – Amigos - Lazer e tempos livres - Relação conjugal – Profissão - Relação com colegas - Estudos
Maria	Relação conjugal – Família – Amigos – Profissão - Estudos - Relação com colegas - Lazer e tempos livres
Teresa	Família - Relação conjugal – Amigos - Relação com colegas - Lazer e tempos livres – Profissão - Estudos
Joana	Relação Conjugal e Família – Estudos – Profissão - Lazer e tempos livres - Relação Amigos e Relação com colegas
Marta	Família - Relação conjugal – Amigos - Profissão e Relação com colegas - Estudos e Lazer e tempos livres
Cristina	Estudos - Família e Amigos - Relação conjugal - Lazer e tempos livres - Relação com colegas - Profissão